

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP**

Maria Célia da Silva Orlando

**A coerência e a coesão nas redações dos alunos do Ensino
Médio sob a perspectiva da Lingüística Sistêmico - Funcional**

**MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM**

**SÃO PAULO
2008**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP**

Maria Célia da Silva Orlando

**A coerência e a coesão nas redações dos alunos do Ensino
Médio sob a perspectiva da Lingüística Sistêmico - Funcional**

**MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em atendimento à exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

À família Orlando da Costa, por cultivar a valorização da ética, a dedicação ao trabalho e o amor ao próximo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força espiritual e por permitir a realização deste trabalho.

À PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela contribuição intelectual.

À minha querida orientadora, Prof^a Dra. Sumiko Nishitani Ikeda, pelos preciosos ensinamentos e pela paciência incondicional.

À Prof^a Dra. Maria Antonieta Alba Celani, idealizadora do 'Projeto Reflexão Sobre a Ação' do qual tive o privilégio de participar, por ter possibilitado uma inesquecível viagem pela História da Lingüística Aplicada.

À Prof^a Dra. Rosinda de Castro Guerra Ramos, membro da Banca de Qualificação, pelas sugestões e questionamentos enriquecedores.

À Prof^a Dra. Tânia Regina de Souza Romero, membro da Banca de Qualificação, pelo incentivo que despertou o desejo de realização do curso de Mestrado, e pelas valorosas sugestões que contribuíram para a finalização desta pesquisa.

Aos mestres do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, da PUC-SP, com os quais tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos.

Aos colegas com os quais compartilhei conhecimentos e experiências indispensáveis para nosso amadurecimento profissional.

Às secretárias Márcia e Maria Lúcia, pela amizade, carinho e dedicação.

E por último, mas não menos importante, à minha família cujo apoio, carinho e força foram imprescindíveis nas horas mais difíceis.

Epígrafe

“Assim, como os objetos visíveis só são vistos, quando o Sol brilha sobre eles, a verdade só é aprendida, quando iluminada pelas idéias do bem”.

(Platão)

A coerência e a coesão nas redações dos alunos do Ensino Médio sob a perspectiva da Lingüística Sistêmico - Funcional

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo examinar textos dissertativo-argumentativos, produzidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio da Rede Pública, do período noturno, motivada pela proposta da Secretaria Estadual da Educação sobre a necessidade de elevação dos índices nos resultados dos exames do Sistema de Avaliação e Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP - e pela preocupação dos próprios alunos em melhorar o nível de suas produções escritas com vistas às vagas da universidade e do mercado de trabalho. O *corpus* desta pesquisa é composto de 70 redações das quais foram selecionadas duas para análise, considerando os seguintes critérios: recenticidade, tema idêntico. Para a análise dos dados deste estudo qualitativo, buscamos apoio, basicamente, na Lingüística Sistêmico-Funcional, através de Halliday & Hasan (1976), Halliday & Hasan (1989) e Eggins (1994), além de contribuições mais recentes que têm enriquecido as noções de coesão e de coerência. Assim, as redações são analisadas em relação à coerência por meio das noções de contexto cultural e contexto situacional e, em relação à coesão, pela manutenção dos participantes, da seleção lexical e do uso das conjunções. Os resultados demonstraram que a não observância dos referidos critérios pode explicar a razão dos textos examinados carecerem de coerência e de coesão, o que prejudica a argumentação delineada pelo seu autor.

Palavras-chave: Lingüística Sistêmico-Funcional, coerência, coesão, texto dissertativo-argumentativo.

The coherence and cohesion in the writing of High School students under the view of Systemic Functional Linguistics

ABSTRACT

This study aims to investigate argumentative essays written by second grade students attending the first year of evening classes in a public high school in Sao Paulo. The factors which have led me to do this research are two: the proposal made by the State Secretary of Education through the necessity to rise the level of the test grades administered by the School Achievement Assessment System of the State of Sao Paulo (SARESP), and students' concern to improve their writing skills so as to get into university and the labor market. The corpus of this research consists of 70 argumentative essays, two of which have been chosen for the analysis. The criteria used for the analysis are recentness and sameness of theme. For the analysis of the data of this qualitative study we have drawn upon the Systemic Functional Linguistics of Halliday & Hasan (1976), Halliday & Hasan (1989) and Eggins (1994), as well as on more recent researches which have enriched the notions of cohesion and coherence. Thus, as far as text coherence is concerned, its analysis has been carried out by taking into account the notions of cultural and situational contexts. The analysis of text cohesion, on the other hand, has been made by observing lexical choice, maintenance of participants and use of conjunctions. The results have shown that the non-observance of those criteria may explain why the texts examined lacked both coherence and cohesion, which affects the argumentative effect desired by the author.

Keywords: Systemic Functional Linguistics, coherence, cohesion, argumentative texts.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Argumentação formal	12
Quadro 2 - Tipos de estrutura do texto dissertativo-argumentativo.	14
Quadro 3 - A textura, a estrutura e o contexto de situação	28
Quadro 4 - Textos ilustrativos de elos coesivos.....	29
Quadro 5 - Identificação do N-Rema	58
Quadro 6 - Tipos de coesão	66
Quadro 7 - Verificação da coerência de Gênero - Texto 1	68
Quadro 8 - Manutenção dos participantes e Progressão Temática - Texto 1	72
Quadro 9 - Verificação da coesão - Texto 1	75
Quadro 10- Verificação da coerência de Gênero - Texto 2	79
Quadro 11- Manutenção dos participantes e Progressão Temática - Texto 2.....	83
Quadro 12- Verificação da coesão - Texto 2	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 APOIO TEÓRICO	5
1.1 O Texto, a Lingüística Textual e a Análise do Discurso	5
1.1.1 O texto dissertativo-argumentativo	11
1.1.2 A Estrutura Problema-Solução	14
1.2 A Lingüística Sistêmico-Funcional	17
1.2.1 O texto na Lingüística Sistêmico-Funcional	19
1.2.1.1 <i>Unidade de Estrutura</i>	20
1.2.1.2 <i>Unidade de Textura</i>	23
1.3 A Coesão na Lingüística Sistêmico-Funcional	26
1.3.1 O elo coesivo	29
1.3.2 Coesão e Coerência no Discurso	33
1.3.2.1 <i>Tipos de elo coesivo</i>	34
1.3.2.2 <i>A inseparabilidade entre coesão e coerência</i>	37
1.3.2.3 <i>Exófora em lugar de endófora</i>	41
1.3.2.4 <i>O frame e a coerência</i>	48
1.4 A relação entre coerência e coesão	50
1.5 Progressão Tópica	51
1.5.1 A Progressão Temática	53
1.5.1.1 <i>O Contrato Dado-Novo</i>	55
1.5.1.2 <i>A Máxima da Antecedência</i>	56
1.6 N-REMA	57
2 METODOLOGIA	59
2.1 Dados	59
2.1.1 Caracterização da Escola	59
2.1.2 Os sujeitos da pesquisa	60
2.1.3 Procedimentos metodológicos para coleta de dados	61
2.1.4 Modelo de estrutura	64
2.2 Procedimentos metodológicos de análise dos dados	65

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	67
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

A coerência e a coesão nas redações dos alunos do Ensino Médio sob a perspectiva da Lingüística Sistêmico - Funcional

INTRODUÇÃO

Desde 1992, ano em que ingressei no quadro de funcionários da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, da Diretoria de Ensino Sul 2, leciono Língua Portuguesa aos alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio: a princípio em uma escola do Jardim das Rosas, onde permaneci por três anos e, atualmente, em uma escola do Parque Maria Helena, ambas localizadas na Zona Sul, região de Santo Amaro.

Nos últimos dez anos, na Unidade Escolar do Parque Maria Helena, tenho trabalhado com alunos dos 1º e 2º anos do Ensino Médio, a produção e a análise de textos escritos, com vistas aos exames vestibulares universitários. Esse trabalho possibilitou a realização de um diagnóstico dos problemas nucleares presentes na composição dos parágrafos das redações produzidas pelos alunos, e que comprometem a coesão e a coerência textual. Por isso decidi-me por desenvolver um trabalho mais focalizado nestes dois itens, objetivando buscar meios para auxiliar os alunos a perceber, não só como se realiza o processo coesivo de suas redações, mas também a coerência dos textos produzidos.

Nesta pesquisa, examino a coerência e a coesão de textos dissertativo-argumentativos escritos por alunos do 1º ano do Ensino Médio, do período noturno. Quanto ao nome 'dissertativo-argumentativo', devo esclarecer que, embora haja autores que distingam argumentação de dissertação, sigo a opinião de Cereja & Magalhães (2003), que dizem que os exames vestibulares do país solicitam aos candidatos a produção de textos dissertativos, mas, na verdade, pela natureza polêmica dos temas, quase sempre o que se espera do candidato é que ele produza um texto argumentativo ou dissertativo-argumentativo, i.e., um texto em que o autor analise e discuta um problema da realidade, defenda seu ponto de vista e, às vezes, proponha soluções. Portanto, adoto aqui o termo 'texto dissertativo-argumentativo'.

Beaugrange e Dressler (1981: 3) dizem que, para que o texto seja uma ocorrência comunicacional, ele deve satisfazer a um conjunto de critérios interdependentes (1) coesão: perceptível pelo jogo de interdependências entre as frases; (2) coerência: remete para a intenção global do texto, fundamental para a textualidade. Ambas promovem a inter-relação semântica entre os elementos textuais, respondendo pela conectividade textual.

Também Indursky (2006: 47) afirma a importância da coesão e da coerência para o exame da textualidade, propriedade intrínseca de um texto, e esses conceitos representam o cerne dos estudos textuais para essa área de conhecimento. Por outro lado, a assim chamada *Linguística Textual* começou a perceber que o texto, além de ser uma superfície que pode ser examinada em relação aos seus fatores de coesão e de coerência, é também um ato comunicativo. Os linguistas admitem o fato de que para estudar o texto é preciso examinar relações que ultrapassam o limite do texto propriamente.

Dentro dessa perspectiva, Bednarek (2005) refere-se à diferença entre coesão e coerência. A coesão é uma propriedade de textos e refere-se aos meios linguísticos para prover 'textura', i.e., liga as sentenças de um texto, tal como a referência, a substituição, a elipse, a reiteração, a colocação e a conjunção, de Halliday e Hasan (1976), os padrões do léxico, de Hoey (1991). Nesse sentido, ela está de acordo com Halliday & Hasan (1976), para quem a coesão é um fenômeno semântico (1976), ou seja, requer que os traços morfológicos da anáfora pronominal combinem com os da expressão antecedente, isto é, do seu referente. Já, para Cornish (2003: 1-26), essa requisição não é necessária, especialmente no discurso falado. Nos casos em que não existe antecedente co-textual relevante, podemos trabalhar, propõe ela, com a chamada 'exófora' que a autora afirma funcionar essencialmente do mesmo modo que a endófora padrão.

Quanto à coerência, Bednarek julga que esse conceito seja mais bem descrito como um fenômeno que envolve conexão semântica, lógica ou cognitiva, que está subjacente ao texto (cf. Beaugrande & Dressler (1981: 4); Bussmann (1996: 80); Thompson & Zhou (2000: 121). Ao invés de supor que essas conexões existam independentemente do falante ou do ouvinte, a coerência é hoje claramente definida em relação à contribuição do ouvinte: "[...] a coerência é somente mensurável em termos da avaliação do leitor" (Hoey, 1991: 11).

Para a análise dos dados desta pesquisa, busco apoio, basicamente, na Lingüística Sistêmico-Funcional, através de Halliday & Hasan (1976), Halliday & Hasan (1989) e Eggins (1994), que traça uma visão ampla dos escritos de Halliday, de 1973 a 1985, além de contribuições que em data mais recente têm enriquecido as noções de coesão e de coerência. Segundo Eggins, o texto é o resultado da coerência contextual - Gênero e Registro - e da coesão, elos semânticos através dos quais cada parte do texto depende de outras para sua interpretação. Portanto, as redações serão analisadas em relação à coerência, com base nas noções de contexto cultural e contexto situacional, e em relação à coesão, verificando-se os elos semânticos por meio da manutenção dos participantes, da seleção lexical e do uso das conjunções.

O objetivo desta dissertação é examinar a coerência e a coesão de textos dissertativo-argumentativos produzidos, durante o ano letivo de 2007, por alunos do 1º ano do Ensino Médio, do período noturno, de uma Escola Pública Estadual, localizada na Zona Sul do Estado de São Paulo. Para tanto, deverá responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- (a) quais os elementos de estrutura de Gênero e de Registro que não são usados pelos alunos e comprometem a coerência das redações?
- (b) quais os elementos coesivos que por faltarem nos textos contribuem para diminuir a textura das redações?

Justificativa da pesquisa

Dentre as motivações para a escolha do tema desta pesquisa posso citar duas que foram de fundamental importância. A primeira decorre da discussão da proposta da Secretaria Estadual da Educação sobre a necessidade da criação de metas para a elevação dos índices nos resultados dos exames do Sistema de Avaliação e Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, o SARESP. A segunda, diz respeito à preocupação dos próprios alunos, principalmente os do Ensino Médio, em melhorar o nível de suas produções escritas para poderem obter êxito em testes de seleção para as vagas da universidade e do mercado de trabalho. Mais do que isso reside no fato de que o exercício pleno da cidadania depende do conhecimento

da língua, como nos lembram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997: 23).

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

1 APOIO TEÓRICO

Início o apoio teórico que embasa a minha pesquisa, tratando em primeiro lugar do conceito de texto, mencionando os trabalhos, entre outros, de Rasia (2005: 21-22), que faz um retrospecto da trajetória dos estudos do texto do século XII ao XIV; de Indursky (2006: 44-47), que traça a distinção entre a fase Transfrástica e a Gramática do Texto; de Koch (2002: 16-17), que trata o texto como um produto do pensamento a ser decodificado pelo leitor; de Karnopp (2006: 19-20), que fala da Teoria do Texto, como uma investigação do funcionamento de textos em uso, com base na análise das condições de produções e recepção textuais; e de Cornish (2003), que relaciona texto e discurso ao contexto de uso. Essa relação entre língua e contexto é imprescindível para a Lingüística Sistêmico-Funcional, que embasa a minha análise. Feito isso, examino os caminhos percorridos pelas noções de coerência e coesão desde de Halliday & Hasan (1976, 1989) até os nossos dias, como esclareço mais adiante.

1.1 O Texto, a Lingüística Textual e a Análise do Discurso

De acordo com Rasia (2005: 21), demarcamos como espaço de fundação do conceito de texto o contexto do século XII, quando o significado literal da palavra era o 'livro do evangelho'. Por estarem associados ao campo do sagrado e à concepção do que se tinha por sagrado na época; os sentidos tinham uma interpretação pré-dada e estável. É somente no século XIV que surge a figura do interpretante, o *mestre* que coloca em questão as leituras para, depois disso, chegar à suposta verdade final.

Essa visão em torno da matéria escrita legou-nos o modo como o objeto texto vem sendo tratado, desde então, e mais especificamente no contexto escolar, não obstante as diversas teorias que dele têm tratado, com ênfase na questão da interpretação. Ainda, afirma a autora, as teorias contemporâneas têm abordado a questão do texto e da textualidade a exemplo da Lingüística Textual, de berço europeu, em contraponto com o postulado teórico da Análise do Discurso, da escola francesa, cujo advento se deu no final da década de 60, em meio às lutas políticas desencadeadas na França.

Segundo Rasia (2005), o conceito de texto pode ser sintetizado, no âmbito da Lingüística Textual, como uma unidade de linguagem em uso e que leva em conta as intenções de seu produtor, implicando para sua constituição enquanto texto, a história de leitura de seus interlocutores. Em linhas gerais, a Lingüística Textual concebe o texto como uma extensão da frase e, além disso, considera alguns elementos do contexto de produção que constituem os fatores de textualidade.

Já no âmbito da Análise do Discurso, declara a autora, o texto é visto na concepção da linguagem em interação, ou seja, considerando as relações estabelecidas pelos interlocutores. Assim, o discurso inscreve-se no espaço situado entre a língua, que emerge do social, e a fala de caráter individual. O discurso é o próprio lugar social e a linguagem passa a ser entendida como processo da construção dos sentidos. Por esse ponto de vista, trabalhar com textos significa mexer com discursos de forma que o lingüístico não deixa de ser matéria de trabalho, porém é considerado em suas determinações histórico-sociais e nas formas como essas determinações são manifestadas pela língua.

Ainda, de acordo com Rasia, o ponto de vista da Análise do Discurso diferencia-se daquele da Lingüística, posto que, enquanto esta tem como objeto a língua em sua imanência, aquela tem o discurso como objeto de análise, o qual tem sua materialidade na língua que tece os diferentes textos. A diferença entre ambos reside no aspecto conceptual, pois, o discurso é tomado como conceito teórico e metodológico, e o texto, em contrapartida, como o conceito analítico correspondente, havendo entre eles uma relação necessária.

Rasia (2005) elabora a questão, dizendo que, se consideradas as condições de realização de um texto, ele pode ser visto como uma unidade completa de análise, a qual não é formal, mas pragmática. Unidade completa porque se apresenta como ponto de convergência para o processo de comunicação, para onde se dirige a perspectiva dos interlocutores, e também ponto de partida para a recuperação dos processos discursivos, a partir da materialidade que ele propõe. O discurso, por sua vez, realiza-se na relação dialógica texto-interlocutores, à medida que estes últimos agem sobre os diferentes textos em suas diferentes formas, produzindo efeitos de sentidos diversos.

Nessa linha de raciocínio, Indursky (2006: 44-52) diz que os precursores dos estudos textuais tinham como objetivo as regularidades que transcendem a frase,

sem abandonar os estudos frasais nem criar um novo objeto de estudo. Entendiam o texto como uma seqüência coerente de frases, fase conhecida como Transfrástica. Num segundo momento, fase que se denominou de Gramática do Texto, diz a autora, os pesquisadores buscaram o entendimento do texto, indo para além dos limites descritivos de uma única frase. Estudavam-se as relações referenciais, co-referenciais e de pronominalização, buscavam transferir para o objeto texto o conhecimento sobre o objeto frase, ou seja, pretendiam escrever uma gramática para explicar certos fenômenos que se instauravam para além do limite frasal. Para tanto, questionavam os princípios de constituição do texto, os fatores de sua coerência, de sua coesão e de sua textualidade. Diziam que havia diferença qualitativa de significação que derivava do todo textual da qual a soma de frases não dava conta.

Para Indursky (2006: 22), pode-se dizer que a unidade da análise de discurso é o texto, uma unidade significativa. Reconhece-se um texto pela textualidade que, por sua vez, é função da relação do texto consigo mesmo e com a exterioridade. A autora declara que não são as palavras que significam, mas é o texto que é dotado de sentido. Quando uma palavra possui significado é porque ela tem textualidade, ou seja, é porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa. Dessa forma, considerando o ponto de vista de sua apresentação empírica, um texto é um objeto com começo, meio e fim; mas do ponto de vista do discurso reinstala-se, imediatamente, sua incompletude. Isso ocorre porque o sujeito, o discurso e os sentidos também são incompletos, dependem da relação com outros elementos para serem considerados unidade inteira.

Também para Koch (2002:16-17), na concepção de língua como representação do pensamento e do sujeito, o texto é visto como um produto lógico do pensamento do autor, cabendo ao leitor/ouvinte 'captar' essa representação mental, juntamente com as intenções do produtor. Na concepção tradicional de língua como código, diz ela, como instrumento de comunicação e da concepção de sujeito como pré-determinado pelo sistema, o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto codificado é totalmente explícito. Nesta concepção o papel do 'decodificador' é essencialmente passivo.

Segundo Koch (2002), na concepção interacional da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores-construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos, nele se constroem e são construídos. Desta forma, há lugar no texto para toda uma gama de implícitos dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sócio-cognitivo dos participantes da interação.

Adotando-se esta concepção de língua, de sujeito, de texto, a compreensão deixa de ser entendida como simples captação de uma representação mental ou como a decodificação da mensagem resultante de uma codificação de um emissor. É uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e sua reconstrução no interior do evento comunicativo.

Para a autora, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito ou co-enunciadores e não como algo que preexista a essa interação. Também a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sócio-cognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir uma configuração veiculada de sentidos.

De acordo com Karnopp (2006: 19-20), a Lingüística Textual é um ramo recente da Lingüística, pois surgiu na década de 60, na Europa, onde teve grande desenvolvimento a partir dos anos setenta, principalmente, na Alemanha. Desde então, a Lingüística Textual vem apresentando ampla expansão, atravessando diferentes fases e baseando-se em diferentes modelos teóricos, fato que naturalmente liga-se à diversidade de abordagens.

Nos principais momentos do desenvolvimento de estudos da Lingüística Textual, declara Karnopp, o que se observou foi, em primeiro lugar, uma necessidade inadiável de ultrapassar os limites da frase, para dar conta de fenômenos lingüísticos, tais como a referenciação, a relação semântica entre frases, a seleção do artigo, a concordância dos tempos verbais, e assim por diante, fenômenos que só podem ser explicados em termos textuais ou ligados a um contexto situacional.

Quanto aos estudos de ordem estruturalista e gerativista, dizem Vilela e Koch (2001: 444), mostraram-se insatisfatórias ao se dedicarem a pesquisar as regras de encadeamento de seqüências maiores do que as frases, ou seja, em textos, a partir de uma metodologia até então utilizada na análise sentencial. Por isso, suas tentativas de desenvolver uma Lingüística Textual como uma Lingüística da Frase, ampliada ou corrigida, acabaram sendo abandonadas. As autoras informam também ter, assim, ficado claro que as diferenças entre texto e frase eram de aspecto qualitativo, e os estudiosos começaram a elaborar as gramáticas textuais, tendo o objetivo de refletir sobre fenômenos textuais.

Karnopp (2006) afirma que, na década de setenta, muitos autores se dedicaram a refletir sobre fenômenos não explicáveis através da gramática sentencial, propondo que, a partir do texto, fossem analisadas e classificadas as unidades menores, desde que não se perdesse de vista a função textual dos elementos isolados.

De acordo com a autora, com o passar dos anos, observou-se que as gramáticas do texto eram ineficientes para o estabelecimento das regras que poderiam descrever todos os textos possíveis em uma língua natural. Como explicar, por exemplo, textos que não se enquadravam nas regras propostas pela gramática do texto? O que é texto e o que o distingue de uma frase ou de um conjunto de frases? Surge, a partir desses questionamentos, a necessidade de investigar a constituição, o funcionamento, os processos de produção e recepção textuais. Os textos passam a ser investigados, considerando o contexto, e observadas as condições externas à produção, ou seja, os processos de interpretação, de produção e de recepção textuais.

O foco das investigações, continua a autora, passou a ser a Teoria do Texto havendo, conseqüentemente, mudanças em relação à concepção de língua, considerada, não mais como sistema virtual, mas língua como uso efetivo em contextos comunicativos. As concepções de texto, não mais visto como produto, mas como um processo e aos objetivos a serem alcançados, ou seja, a análise e explicação de unidade texto em funcionamento, ao invés da análise e explicação da unidade texto formal, abstrata.

Dessa forma, diz Karnopp, a partir do momento em que a Lingüística Textual passou a enfocar o contexto no funcionamento e no processamento lingüísticos,

houve um deslocamento do tratamento formal dos textos, passando a prevalecer a elaboração de uma Teoria do Texto que teve como propósito à investigação do funcionamento de textos em uso, ou seja, a análise das condições de produções e recepção textuais.

Travaglia (2006: 67) chama de discurso toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação, mas também o evento de sua enunciação. O autor define o texto como uma unidade lingüística concreta, que é tomada pelos usuários da língua, em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão.

Cornish (2003: 1-26) faz a distinção entre texto e discurso e enfoca o contexto, declarando que o texto age como um reservatório de pistas servindo de instrução para o receptor construir um modelo conceitual da situação evocada pelo produtor, um modelo que o receptor pretende que seja idêntico ao modelo do produtor. O discurso, por outro lado, designa o resultado das seqüências de atos enunciativos, ilocucionários e indexicais hierarquicamente estruturados, mentalmente representados em que os participantes se engajam conforme a comunicação se desenrola. Tais seqüências têm como razão efetiva a realização de alguma meta comunicativa, e podem ser vistas como constituídas de unidades menores caracterizadas pelo fato de que as 'microproposições' que elas contêm são localmente coerentes, isto é, realizam um nível que Grosz e Sidner (1986) chamam 'estrutura intencional'. Essa distinção é feita, continua a autora, porque o discurso é um empreendimento re-constutivo e, portanto, altamente probabilístico. Da perspectiva do receptor, não é uma questão de simplesmente decodificar o texto para chegar à mensagem plena originalmente pretendida pelo produtor. O 'significado' não está 'no texto'; ele tem de ser construído pelo receptor através do texto e do contexto apropriado. Em qualquer caso, o texto é, em geral, se não sempre, incompleto e indeterminado em relação ao discurso que pode ser derivado do texto em conjunção com o contexto.

1.1.1 O texto dissertativo-argumentativo

Koch (1987: 19) diz que, diante da aceitação de que o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, “constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” faz cair por terra a distinção entre o que tradicionalmente se costuma chamar de dissertação e de argumentação, já que a dissertação seria uma exposição de idéias sem posicionamento pessoal.

Segundo a autora, foi com o surgimento da Pragmática que o estudo da argumentação ou retórica passou a ocupar um lugar central nas pesquisas sobre a linguagem. A argumentação visa a provocar ou a incrementar a “adesão dos espíritos às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão”, conforme Perelman (1970, apud Koch 2004: 19).

A propósito, Van Dijk (1992, apud Kitis e Milapides, 1996) fala em convicção e em sedução como processos que se incluem numa relação de espécie-para-gênero, no hiper-processo da persuasão. A convicção envolve uma lista de passos argumentativos que - espera-se - deverão ser aceitos pelo fato de incluir a ativação e a participação do sistema cognitivo, essa recepção constitui-se num processo cognitivo. Mas, freqüentemente, a persuasão cerceia a participação cognitiva do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor e, nesses casos, podemos falar de 'sedução' em vez de convicção.

Pode-se conjecturar, diz o autor, que os mecanismos de sedução na relação entre o persuasor e sua 'vítima' ou 'cúmplice' sejam identificáveis tanto ao nível do texto quanto ao do sub-texto, i.e., não somente ao nível do léxico, estruturas e figuras de linguagem como componentes da estrutura local do texto, mas também ao nível de sua coerência geral. Os mecanismos de sedução, portanto, podem ser isolados tanto ao nível da coesão quanto ao da coerência - entendidos como nível de suposições inferidas ou ativadas para tornar coerente o texto. Em outras palavras, não só estamos lidando com escolhas lingüísticas feitas no texto, mas também com um tipo de suposição que apóia aspectos da coerência. Segundo Citelli (1995):

... a linguagem cumpre certos objetivos e realiza determinadas intenções. Particularmente nos textos argumentativos, uma série de mecanismos é acionada – de forma mais ou menos consciente – pelos usuários, com a finalidade de construir teses, elaborar idéias, assumir pontos de vista e rechaçar preconceitos.

Segundo essa linha de raciocínio, é possível afirmar que um dos aspectos asseguradores da unidade do texto é a existência do ponto de vista das concepções do que se pretende demonstrar. Alguns mecanismos básicos são necessários para a construção do ponto de vista decorrentes de experiências acumuladas, leituras realizadas, informações obtidas.

A argumentação esteia-se em dois elementos principais, segundo Garcia (1997): a consistência do raciocínio e a evidência das provas. São cinco os tipos mais comuns de evidência: os fatos propriamente ditos, os exemplos, as ilustrações, os dados estatísticos e o testemunho.

Segundo o autor, ao lado da argumentação informal – presente em quase todas as conversas – a argumentação formal, embora pouco diferente daquela, na essência, exige cuidados. Esta se caracteriza pela: (a) proposição – deve ser argumentável, e não uma verdade universal –; (b) análise da proposição; (c) formulação de argumentos – a argumentação propriamente dita, em que o autor apresenta as provas ou as razões, o suporte de suas idéias –; (d) conclusão, que deve ‘brotar’ naturalmente das provas arroladas. Assim, temos o seguinte quadro:

Quadro 1 - Argumentação formal.

1. Proposição (afirmativa, suficientemente definida e limitada; não deve conter em si mesma nenhum argumento, isto é, prova ou razão)
2. Análise da proposição
3. Formulação dos argumentos (evidências): (a) fatos; (b) exemplos; (c) ilustrações; (d) dados estatísticos (e) testemunho
4. Conclusão

Fonte: Garcia, 1997

Por outro lado, segundo Van Eemeren et al. (1997) o uso da argumentação serve para justificar ou refutar um ponto de vista com o objetivo de assegurar o entendimento das opiniões. O estudo da argumentação centra-se em um de dois objetos: interações em que duas ou mais pessoas conduzem ou têm argumentos tais como discussões ou debates; ou textos tais como discursos ou editoriais em que uma pessoa produz um argumento (O’Keefe, 1977).

O discurso, diz Koch (1987), para ser bem estruturado, deve conter implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão, deve obedecer às condições de progresso e coerência, para, por si só, produzir comunicação: em outras palavras, deve constituir um texto. Todo texto caracteriza-se pela textualidade – tessitura –, rede de relações que fazem com que um texto seja um texto – e não uma simples somatória de frases –, revelando uma conexão entre as intenções, as idéias e as unidades lingüísticas que o compõem, por meio do encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação.

Devo esclarecer que o texto dissertativo-argumentativo é por alguns considerado Gênero, enquanto outros o consideram um tipo de texto (Paltridge, 2002). De fato, declara ele, muito freqüentemente esses dois termos são usados alternadamente. Não há um acordo universal de que Gênero e tipo de texto se refiram ao mesmo aspecto de um texto. Biber (1999) observa que textos dentro de certos Gêneros podem diferir bastante em suas características lingüísticas. Para ele, tipos de texto, por outro lado, representam modos retóricos, tais como, problema-solução, exposição, argumentação, que são semelhantes em termos de padrões discursivos internos, não importando o Gênero. Gênero e tipo de texto assim representam perspectivas diferentes embora complementares nos textos. Vou usar os termos ‘estrutura esquemática’ e ‘estrutura de Gênero’, alternadamente, pois podem ser considerados sinônimos, e uso ‘estágios de Gênero’ (Martin 1985), por motivos práticos para me referir às divisões dentro dessa estrutura.

No Quadro 2, apresento algumas propostas de estrutura esquemática ou estrutura de Gêneros com seus estágios.

Quadro 2 - Tipos de estrutura do texto dissertativo-argumentativo.

WINTER (1974) Hipotético (João diz x) Real (Isso está errado, pois de fato é y)		COLLIER-WRIGHT (1984) Pergunta (Por que x?) Resposta-Avaliação negativa (Não é y) Resposta-Avaliação negativa (Não é z) Resposta-Avaliação positiva (Mas é u)	
HOEY (1986) Afirmação (por M) Avaliação (de T da afirmação de M) Correção (de T da afirmação de M) (T é o autor do texto)	HOEY (1986) Hipotético (dito por J) Negação (dito por K) Correção	HOEY (1994) Situação Problema Solução Resultado/Avaliação	

Fonte: Biber, 1999

1.1.2 A Estrutura Problema-Solução

Dos esquemas acima, vou detalhar a estrutura esquemática de Hoey (1994), pois esta é o que aparece como a de maior frequência nas redações que examinei. Talvez esse fato se deva à característica mais geral do esquema de Hoey, que de alguma forma permeia as demais propostas. O que se vê nesses esquemas é que, para acontecer uma argumentação, a hipótese, a afirmação ou a avaliação devem se constituir em problemas que justifiquem a discussão.

- (1) Eu estive na função de sentinela.
 Eu vi o inimigo se aproximando.
 Eu abri fogo.
 Eu venci o ataque inimigo.

Existem 24 seqüências possíveis, mas é apenas uma que pode ser lida sem entonação especial e que faz sentido. Mas se a segunda sentença for lida com entonação intercalada, a (2) também faz sentido:

- (2) Eu vi o inimigo se aproximando.
 (Eu estava na função de sentinela).
 Eu abri fogo.
 Eu venci o ataque inimigo.

Outras seqüências parecem mais difíceis de serem aceitas:

- (3) Eu abri fogo.
 Eu estive na função de sentinela.
 Eu venci o ataque inimigo.
 Eu vi o inimigo se aproximando.

Esses fatos sugerem, continua o autor, que podemos dividir as seqüências em três categorias: seqüências *não-marcadas*, seqüências *marcadas* e seqüências *incoerentes*. Mas não é apenas a seqüência das sentenças que é importante, também a sua presença. Nenhuma das quatro sentenças pode ser omitida, a menos que seja pressuposta, sem ameaçar a clareza do texto. O que isso sugere é que cada uma das quatro sentenças é essencial para a estrutura, que podemos, inicialmente, identificar como estrutura Problema-Solução, com os seguintes elementos e suas funções, ou estágios e suas finalidades - por uma questão de coerência metalingüística, adotaremos a sugerida por Martin (1985), de estágios e finalidades:

Situação	Eu estava de sentinela.
Problema	Vi o inimigo se aproximando.
Resposta	Abri fogo.
(Avaliação/Resultado) ¹	Venci o ataque inimigo.

Surge, então, a questão: como pode o leitor identificar essa estrutura de Gênero no discurso? O autor considera duas possíveis respostas para a questão, ou seja, a estrutura de Gênero pode ser identificada por dois processos complementares indicados resumidamente como:

- (a) projeção dentro do diálogo;
 (b) identificação dos sinais lexicais.

Assim, as sentenças do texto artificial podem agora ser projetadas em diálogo.

¹ O parêntese indica fusão dos elementos da estrutura (Hoey 1994: 44 Notas)

A: *Qual era a situação?*

B: Eu estava na função de sentinela.

A: *Qual era o problema?*

B: Eu vi o inimigo se aproximando.

A: *Qual foi a sua solução?*

B: Eu abri fogo.

A: *Qual foi o resultado? ou Como foi o êxito disso?*

B: Eu venci o ataque inimigo.

A projeção do monólogo em forma de diálogo pergunta-e-resposta é um importante teste da estrutura de Gênero do discurso. Pode-se afirmar que essa projeção é a consequência da descrição não da língua, mas da realidade que a língua codifica. Na minha experiência de magistério, considero esta fase importante para o aluno, pois é aqui que ele planeja a sua redação, dividindo coerentemente as partes do conteúdo que a comporão.

A seguir, apresento a teoria que embasará a minha análise dos textos dissertativo-argumentativos de alunos do 1º. ano do Ensino Médio, ou seja, a Lingüística Sistêmico-Funcional, e a proposta dos systemicistas no exame da coesão e coerência textuais. Assim o faço, porque a Lingüística Sistêmico-Funcional - uma teoria que considera a língua como um processo social -, procura desenvolver uma metodologia com vistas a uma descrição detalhada e sistemática dos padrões lingüísticos, sempre levando em consideração o contexto social-cultural e situacional - em que a língua é usada. Assim, acredito que ela me forneça os meios para a operacionalização de conceitos através dos elementos lingüísticos que os realizam. Obviamente, embora a análise da coerência e da coesão deva considerar os aspectos discursivos evocados pelo texto, deve também levar em conta os aspectos mais concretos da análise, que são as escolhas léxico-gramaticais que respondem, em geral, pela grande maioria das questões que envolvem esses fenômenos. E, aqui, as categorias sugeridas por Hasan (1989) são de importância fundamental, e, assim, constituem o ponto de apoio de minhas análises.

A partir de Halliday & Hasan (1976, 1989) mostro o avanço dos estudos sobre coerência e coesão, trazendo as posições de Koch (1990, 2005), Fávero (1991),

Antunes (2005), Paladino (2006), Indursky (2006) e as opiniões renovadoras de Cornish (2003) sobre coesão e a contribuição de Bednarek (2005) que, a meu ver, ao introduzir a noção cognitiva de *frame*, esclarece fatos já citados pelos autores aqui referidos como ‘elementos do contexto de produção’ (Rasia, 2002), ‘condições externas à produção’ (Karnopp, 2006), ao falarem do texto no âmbito do discurso.

1.2 A Lingüística Sistêmico-Funcional

Halliday (1985, 1994), com sua teoria de contexto construído no seu modelo de linguagem, a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), fornece um conjunto poderoso de instrumentos analíticos e explanatórios no exame do modo como as escolhas léxico-gramaticais refletem o contexto de uso da língua e, ao mesmo tempo, é por ele determinado. Construído como um modelo de relações texto/contexto, o modelo sócio-semiótico de discurso de Halliday, fornece um tratamento integral de como a micro-semântica das interações contribuem para a realidade social.

Segundo Eggins (1994), que estuda os escritos de Halliday, abrangendo um período que vai de 1973 a 1985, há 4 pontos – funcional, semântico, contextual e semiótico –, que caracterizam a abordagem sistêmica como sendo uma abordagem semântico-funcional da língua:

- (1) o uso da língua é funcional;
- (2) a função da língua é construir significados;
- (3) os significados sofrem a influência do contexto social em que são intercambiados;
- (4) o processo envolvido no uso da língua é semiótico: processo de construção do significado através de escolhas.

Em outras palavras, ninguém usa a língua, isto é, fala ou escreve, sem um propósito (função) em mente; é necessário mais do que uma sentença isolada. Mesmo um *Fecha a porta*, está estruturado para elucidar uma resposta, verbal ou não-verbal, exigindo, pois, dois movimentos. Na maioria dos casos, precisamos de mais do que dois movimentos, ou seja, precisamos de um texto, interação lingüística

completa - falada ou escrita -, em geral com um começo e um fim. Por outro lado, alguns fatos mostram que língua e contexto estão interrelacionados:

- (a) somos capazes de deduzir o contexto de um texto que carrega aspectos do contexto em que foi produzido;
- (b) somos capazes de prever a língua por meio de um contexto podemos prever o tipo de estrutura sintática, as palavras, que ocorrerão no texto;
- (c) sem um contexto não somos capazes, em geral, de dizer o significado que está sendo construído.

Portanto, ao fazermos perguntas funcionais, não é suficiente enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto. Mas quais as feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa questão, os systemicistas lançam mão de dois conceitos: Registro e Gênero, conforme Eggins (1994).

Registro - descreve a influência das dimensões do contexto situacional imediato sobre a língua. Tais dimensões são 3 - Campo: assunto, Relações: quem fala com quem e Modo: a estruturação de Campo e Relações através da língua.

Gênero - descreve a influência das dimensões do contexto cultural sobre a língua. E.g. a dissertação é constituída, no Brasil, por Introdução, Desenvolvimento e Conclusão; no Japão/Coréia, por *Ki-Shoo-Ten-Ketsu*, em que o *ten* refere-se a fato não diretamente ligado ao tema.

No modelo da LSF, a língua é vista, não como um veículo neutro para expressar estruturas mentais pré-existentes, nem como uma expressão direta da realidade material, mas como um recurso que, simultaneamente, reflete e ativamente cria uma realidade. Tal realidade é construída pelas escolhas léxico-gramaticais, a gramática e o vocabulário, no modelo operando interdependentemente no mesmo nível, para atingir metas sociais de acordo com três metafunções: experiencial, interpessoal e textual. Assim, a língua serve para criar três significados, ou metafunções.

A metafunção experiencial refere-se à construção de sentido no mundo, representando e refletindo sobre a experiência não só do mundo observável, mas também no mundo interior da consciência. Essas experiências são representadas

em termos de acontecimentos, participantes nesses acontecimentos, e circunstâncias nas quais esses acontecimentos ocorrem. Uma vez que as funções sociais, segundo Halliday, são construídas na própria estrutura da língua, esses componentes da experiência são ‘realizados’ no nível léxico-gramatical através do sistema da Transitividade, em termos de Processos, Participantes e Circunstâncias.

A metafunção interpessoal é usada na interação com outros, envolvendo significados sobre papéis, relações e atitudes dos participantes. A metafunção interpessoal constrói o ‘tenor’, as relações sociais, referindo-se à língua como uma ação social. No nível léxico-gramatical, os sistemas de *Mood* e Modalidade estão mais diretamente implicados com a metafunção interpessoal. Por exemplo, o professor como o interactante com maior poder e *status* na sala de aula, é o mais provável a usar o *Mood* imperativo para regular o comportamento dos demais.

A terceira metafunção, a textual, relaciona-se com a organização do que se entende como textos significativos, dentro de um dado contexto interpessoal. Halliday concebe o componente textual como o que fornece relevância, ou como ‘a ecologia do texto’ (1989: 60). Um desses sistemas envolvidos na expressão dos significados textuais é o sistema de Tema, em que Tema é ‘o elemento que serve como o ponto de partida da mensagem; é aquele do qual trata a oração’ (Halliday 1994: 37). Esta metafunção está ligada à noção de Progressão Temática que desenvolvo mais adiante.

1.2.1 O texto na Lingüística Sistêmico-Funcional

Início o exame da noção de texto na LSF enfocando a unidade de estrutura e a unidade de textura. Halliday define texto como sendo “*language that is functional*” e funcional como “*language that is doing some job in some context*” (Halliday 1989: 52). Nesse sentido, partindo do princípio de que texto e contexto estão tão intimamente relacionados, tal que nenhum desses conceitos pode ser enunciado sem o outro, Hasan propõe examinar com mais detalhe a definição de texto.

Para ela, a **unidade** é a característica mais importante de um texto. É a unidade que nos capacita distinguir um texto de um não-texto, de um texto completo de um incompleto. Há dois tipos de unidade: unidade de estrutura e unidade de textura.

1.2.1.1 Unidade de Estrutura

Uma das fontes da unidade textual é a estrutura. Para ilustrar a noção de estrutura, a autora refere-se ao modelo mais antigo de estrutura de texto no Ocidente, que se origina em Aristóteles, quando este definiu a tragédia grega como sendo constituída de três elementos: começo, meio e fim; refere-se também à peça teatral japonesa, o *kabuki*, e declara que, neste, o Gênero *Sewamono* inclui um sub-Gênero, o *Enkirimono*, que apresenta uma estrutura constituída de Evento Precipitativo, Evento Resultativo e Revelação, que são essenciais ao *Enkirimono*. Hasan diz, então, que tanto a tragédia grega quanto o *Enkirimono* são exemplos de Gênero. Feito isso, a autora passa a esclarecer o que ela entende por ‘elemento da estrutura de um texto’ e ‘a estrutura de Gênero de um texto’.

Entre a tragédia grega e a conversa casual, há uma vasta gama de Gêneros, variando na medida em que a estrutura global de sua mensagem parece ter uma forma definida. Muitos poderão se surpreender, segundo Hasan, diante da sugestão de que há uma estrutura até num texto gerado durante a compra de um quilo de batatas e três cabeças de alho.

Hasan lembra uma pergunta feita por Halliday: ‘como explicar o sucesso com o qual as pessoas se comunicam?’ Halliday sugeriu, então, que ‘a situação na qual a interação lingüística acontece dá aos participantes as informações sobre os significados que estão sendo intercambiados’, e então é igualmente verdadeiro que os significados que estão sendo construídos pela língua darão aos participantes muitas das informações sobre o tipo de situação em que eles estão.

Essa relação entre língua e contexto é importante, continua a autora, por dois motivos, um teórico e outro prático. Teoricamente, esse fato revela uma visão do senso não-comum. O senso comum, numa compra de batatas, seria dizer: ‘Me dá um quilo de batatas’, ‘Quanto custa?’ O senso não-comum é a visão de que a compra se constitui num tipo culturalmente reconhecível de situação que foi construída através dos anos pelo uso precisamente desse tipo de linguagem. Sem o reconhecimento dessa bi-direcionalidade, língua-contexto/contexto-língua, seria difícil considerar a possibilidade da arte verbal, da ciência, da filosofia – de fato, todo o domínio do conhecimento humano – ou dos desentendimentos.

Do ponto de vista prático, esse fato é importante porque, para Hasan, ajuda a entender os detalhes da relação entre o contexto e a estrutura de um texto. Halliday (1989) fala de três termos: *campo*, *relação* e *modo*, que se referem a certos aspectos das situações sociais que agem sempre sobre a língua em uso. Hasan introduz um conceito a eles relacionado: a Configuração Contextual, doravante CC.

Cada um dos três – campo, relação e modo – podem ser pensados como uma variável que é representada por algum valor específico – ou, usando um termo técnico – Opção. Assim, a variável campo pode ter o valor de ‘elogio’ ou ‘caçoada’; a relação pode permitir uma escolha entre ‘mãe-para-filho’ ou ‘chefe-para-subordinado’ e modo pode ser ‘oral’ ou ‘escrito’. Esses pares de opções podem ser combinados entre qualquer membro de qualquer outro, resultando numa CC. E.g. mãe elogiando o empregado. Portanto, a CC é um conjunto específico de valores que realizam campo, relação e modo.

Precisamos da noção de CC para tratarmos da estrutura de um texto, pois são as feições específicas de uma CC – os valores das variáveis – que permitem afirmações sobre a estrutura de um texto. Precisamos ver o conjunto total das feições – todos os valores selecionados das três variáveis – como uma configuração, e não tentar relacionar aspectos da estrutura de um texto a ‘cabeçalhos’ individuais.

Na unidade estrutural de um texto, a CC tem papel central. Se o texto pode ser descrito como ‘língua fazendo algum trabalho num contexto’, é razoável, segundo Hasan (1980), descrever a expressão verbal de uma atividade social: a CC é uma explicação dos significados atribuídos nessa atividade social. Assim, não surpreende que as feições da CC possam ser usadas para fazer certos tipos de predição acerca da estrutura de um texto: Que elementos devem ocorrer? Que elementos podem ocorrer? Onde eles devem ocorrer? Onde eles podem ocorrer? Com que frequência eles podem ocorrer? Ou seja, mais sucintamente, podemos dizer que uma CC prediz os elementos **obrigatórios** e **opcionais** da estrutura de um texto, bem como a sua **seqüência** e a sua **repetição**.

A seguir, a autora examina os valores das três variáveis numa compra em supermercado.

O campo do discurso - O campo, dizendo respeito à natureza da atividade social, envolve tanto o tipo de ação realizada quanto suas metas. Aqui, há uma meta a

curto prazo que é a aquisição de alimentos em troca de dinheiro. Isso é o que chamamos de 'compra', e compra sempre envolve 'venda'.

A relação do discurso - A atividade social é institucionalizada. E, assim, a natureza da atividade prediz o conjunto de papéis relevantes no desenrolar da atividade Hasan (1980), que chamamos de componente de Papéis de Agentividade da relação do discurso: o vendedor e o comprador. Há ainda um outro componente da relação, suscetível também ao fato de a atividade ser ou não ser institucionalizada. Trata-se do grau de controle ou poder que um participante pode exercitar sobre o outro, em virtude da relação de papéis. A distância social é um continuum entre máxima e mínima, e ela afeta o estilo da comunicação, a distância social entre vendedor e comprador é próxima da máxima.

O modo do discurso - Esta variável pode ser descrita sob pelo menos três subtítulos. (1), o papel da língua: se constitutiva ou auxiliar, categorias que nem sempre são claramente evidentes, mas pontos extremos de um continuum. No caso da compra, o papel da língua é auxiliar, pois apenas acompanha a troca de mercadoria por dinheiro. (2) o processo de partilhamento: os interlocutores participam da criação do texto ou entram em contato com um texto pronto? (3) o canal: fônico ou gráfico? Esta categoria está próxima do partilhamento, pois numa conversa, os interlocutores estão face-a-face, enquanto que na escrita, o texto está pronto. Hasan, então, estabelece os elementos de um texto:

- (1) obrigatórios, que obedecem a uma seqüência;
- (2) opcionais cuja ocorrência não deve ser pensada como sendo livre;
- (3) interativos ou repetitivos.

Há uma boa razão para o estabelecimento de limites dos elementos estruturais de um texto. Sem isso, a análise permanece tão intuitiva que duas pessoas analisando um mesmo texto poderiam diferir muito. Assim, declara a autora, é desejável encontrar um critério para decidir que parte do texto realiza que elemento; mais do que isso, é importante estabelecer o tipo de critério para tanto.

Uma coisa que parece ser certa é que não há uma correspondência bi-unívoca entre elemento estrutural e a oração ou sentença. Nem é o elemento

estrutural sempre co-extensivo com uma mensagem ou ato individual. Por exemplo, um agradecimento exige o agradecimento e a resposta a ele.

Segundo a autora, pensar a estrutura textual não em termos da estrutura de cada texto individual como entidade separada, mas como uma afirmação sobre um Gênero como um todo, é implicar que há uma relação próxima entre texto e contexto. O valor desse tipo de abordagem é em última instância o reconhecimento da natureza funcional da língua. Se texto e contexto estão relacionados, segue-se que não existe uma única maneira certa de falar ou de escrever. O que é adequado num ambiente pode não sê-lo em outro.

Aprende-se a escrever texto, escrevendo textos, tal como se aprende uma língua, falando essa língua. A familiaridade com diferentes Gêneros não se desenvolve automaticamente com a idade, mas requer experiência social. A relevância de estrutura é importante para a memória, na medida em que um trecho escrito pode ser mais facilmente lembrado se a sua estrutura estiver clara.

1.2.1.2 Unidade de Textura

De acordo com Hasan (1989), o falante de uma língua ao ouvir ou ler um trecho de língua mais extenso que uma sentença em extensão, saberá decidir sem dificuldade se ele forma uma unidade ou é apenas um conjunto de sentenças não relacionadas. A palavra texto é usada na lingüística para se referir a qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo unificado. A distinção entre um texto e um conjunto de sentenças não relacionadas, é em última instância uma questão de grau, pois pode haver instâncias sobre as quais podemos não ter certeza. Mas isto não invalida a observação geral que somos sensíveis à distinção entre o que é o e que não é texto.

Esse fato sugere que existem fatores objetivos aí envolvidos – deve haver certas feições que sejam características de textos e que não são encontradas fora dele. Hasan tenta identificar, a fim de estabelecer as propriedades de textos, o que distingue um texto de uma seqüência desconectada de sentenças.

Texto é uma unidade da língua em uso. Não é uma unidade gramatical, como a oração ou a sentença; e não é definida pelo seu tamanho. É errado pensar,

continua a autora, que um texto seja uma super-sentença, uma unidade gramatical maior que uma sentença. O texto não é algo que se pareça com uma sentença, apenas maior; ele é algo que difere da sentença pelo tipo.

Um texto é uma unidade semântica: não uma unidade da forma, mas de significado. Assim, ele se relaciona com uma oração ou sentença não pelo tamanho, mas pela realização, a codificação de um sistema simbólico em outro. Um texto não consiste de sentenças, ele é realizado por ou codificado em sentenças. Se entendermos isso desse modo, não vamos esperar o mesmo tipo de integração estrutural entre as partes de um texto como a encontramos numa sentença ou numa oração. A unidade de um texto é um tipo diferente.

O conceito de textura é inteiramente apropriado para expressar a propriedade de 'ser um texto'. Um texto tem textura, e isso é o que o distingue de algo que não seja texto. O texto deriva essa textura do fato de funcionar como uma unidade em relação ao seu contexto. O que os autores investigam são os recursos para a criação da textura. Veja o exemplo (1):

(1) Lave e descasque seis maçãs. Coloque-as em um prato a prova de fogo.

Está claro que *as* na segunda sentença refere-se ao antecedente - é anafórico - a *seis maçãs*, na primeira sentença. Essa função anafórica de *as* proporciona coesão para as duas sentenças, tanto que *as* interpretemos como um todo; as duas sentenças, juntas, constituem um texto, ou melhor, formam partes do mesmo texto.

A textura é fornecida pela relação coesiva que existe entre *as* e *seis maçãs*. É importante notar esse ponto, afirma Hasan, porque estaremos constantemente focalizando a atenção nesses itens, tais como *as*, que tipicamente se refere ao antecedente, mas a coesão não é efetivada pela presença do referido item sozinho, mas pela presença de ambos: o item referido e o item a que ele se refere. Em outras palavras, não é suficiente que haja uma pressuposição; a pressuposição precisa ser satisfeita.

Isso explica o efeito humorístico produzido por um comediante que começa seu ato com a sentença:

(2) Então nós o empurramos para baixo do outro.

Essa sentença contém pressuposições, localizadas nas palavras *então*, *o* e *outro*, e uma vez que era a sentença de entrada, nenhuma delas pode ser entendida.

Qual é o significado da relação coesiva entre *as* e *seis maçãs*? O significado é que eles se referem a uma mesma coisa. Os dois itens são idênticos na referência, ou seja, são co-referenciais. O agente coesivo nesse exemplo, que provê a textura, é a co-referencialidade de *as* e *seis maçãs*. O sinal, ou a expressão, dessa co-referencialidade é a presença do item potencialmente anafórico *as* na segunda sentença junto com o item alvo potencial *seis maçãs* na primeira.

A identidade de referência não é a única relação de significado que contribui para a textura, pois existem outros além dela. Nem é o uso de um pronome, a única forma para expressar a identidade de referência. Poderíamos ter:

(2) Lave e descasque seis maçãs. Coloque as maçãs em um prato a prova de fogo.

Aqui o item coesivo é *as maçãs*, que funciona pela repetição da palavra *maçãs* acompanhada pelo artigo definido *as* como um sinal anafórico. Uma das funções do artigo definido é sinalizar a identidade de referência com alguma coisa que veio antes.

O termo para a referência a uma única instância de coesão, isto é, um termo para uma ocorrência de um par de itens coesivamente relacionados, é *laço*. A relação entre *as* e *seis maçãs*, no exemplo (1) constitui um laço.

Podemos caracterizar qualquer segmento de um texto em termos de número e tipos de laços que apresenta. Em (1) existe apenas um laço, de um tipo particular que poderá ser de referência. Em (2), existem dois laços, em que um deles é do tipo referência, e consiste na relação anafórica de *as* e *seis maçãs*, enquanto o outro é de um tipo diferente e consiste na repetição da palavra *maçãs*.

O conceito de laço possibilita analisar o texto em termos de propriedades coesivas, e dá um tratamento sistemático dos padrões de textura. Vários tipos de questões podem ser investigados dessa maneira: as diferenças entre fala e escrita; a relação entre coesão e a organização de textos escritos em sentenças e parágrafos; e as possíveis diferenças entre Gêneros e autores nos tipos de laços que eles empregam.

1.3 A Coesão na Lingüística Sistêmico-Funcional

O conceito de coesão é semântico, e refere-se às relações de significado que existem no interior do texto, e que o definem como texto, segundo Hasan (Halliday & Hasan, 1989). A coesão ocorre onde a interpretação de alguns elementos no discurso é dependente de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de não se poder decodificar, se não for por recorrência a eles. Quando isso ocorre, a relação de coesão se instala e os dois elementos, o que pressupõe e o pressuposto, são desse modo, integrados em texto.

A coesão é parte do sistema de uma língua, declara a autora. O potencial para a coesão está nos recursos sistemáticos de referência, elipse e outros que são construídos na própria língua. Como outras relações semânticas, a coesão é expressa por meio da organização em camadas da língua. A língua pode ser explicada como um sistema múltiplo de codificação, compreendendo três níveis de codificação ou 'camadas': semânticas (significados), a léxico-gramática (formas), fonologia e ortografia (expressão). Os significados são realizados (codificados) como formas, e as formas são realizadas (decodificadas) como expressões.

Numa camada, não existe nenhum peso na divisão entre vocabulário e gramática, pois a principal orientação da língua é que os significados mais generalizados sejam expressos por meio da gramática e os significados mais específicos por meio do vocabulário. Relações coesivas instalam-se dentro de um mesmo padrão geral. A coesão é expressa particularmente por meio do vocabulário.

Uma vez que as relações de coesão não se referem à estrutura, elas podem ser encontradas dentro da sentença bem como entre as sentenças. Elas chamam menos atenção dentro da sentença por causa da força coesiva da estrutura gramatical, porque uma sentença já liga as orações, ou seja, a coesão não é necessária para isso. Mas a relação coesiva lá está do mesmo modo. Por exemplo.

(1) Se acontecer de você encontrar o almirante, não lhe diga que o navio dele já se foi.

Aqui o *lhe* e *dele* e podem ser decodificados pela referência a *almirante*, exatamente como o seriam se houvesse um limite sentencial entre eles. Da mesma forma:

(2) Maria prometeu enviar a foto das crianças, mas não o fez.

Aqui *o fez* equivale a *enviar a foto das crianças*, e é irrelevante se as duas estão ou não na mesma sentença. As relações coesivas nada têm a ver, em princípio, com limites de sentença. A coesão é uma relação semântica entre um elemento no texto e algum outro que é crucial para a sua interpretação. Esse outro elemento deve ser encontrado no texto; mas sua localização no texto não é determinada pela estrutura gramatical. Os dois elementos, o que pressupõe e o pressuposto podem ser estruturalmente relacionados entre si, ou não; tal fato que não faz nenhuma diferença para o significado da relação coesiva.

Entretanto, continua Hasan, existe um sentido pelo qual a sentença é uma unidade significante para a coesão, precisamente porque ela é a unidade mais alta da estrutura gramatical: ela tende a determinar o modo como a coesão é expressa. Por exemplo, se a mesma entidade é referida duas vezes na mesma sentença, existem regras que governam sua forma de realização. Essas são regras de pronominalização, é a estrutura da sentença que determina, dentro de limites, se a segunda menção da entidade pode ser chamada novamente ou se será referida por um pronome. Por exemplo, não podemos dizer.

(3) João pegou o chapéu de João e pendurou o chapéu no cabide de João.

Suponha que exista somente um *João* e somente um *chapéu*. Então essa identidade de referência pode ser expressa pelo uso de formas pronominais: *João pegou seu chapéu e o pendurou no cabide*.

Esse tipo de coesão poderia ser tratado por referência à estrutura da sentença: a relação entre um item e outro que o pressupõe pode ser explicada como uma relação estrutural. Mas isso poderia estar errado, segundo a autora. Somente certas instâncias de coesão podem ser tratadas estruturalmente e somente quando os dois itens, o que pressupõe e o pressuposto, ocorrem dentro da mesma sentença. Mas como vimos, a questão de estarem ou não as duas na mesma sentença é irrelevante para a natureza da relação coesiva; a coesão é uma noção mais geral, e está acima da estrutura. Além disso, somente certos tipos de coesão são governados por tais regras; principalmente aquelas que envolvem identidade de referência, que, sob certas condições devem ser sinalizadas por um item de

referência. A coesão que é expressa por meio de substituição e de elipse não é afetada pela estrutura da sentença; assim também é a coesão lexical. No caso da conjunção, existem formas especiais para expressar as várias relações conjuntivas em que estas são associadas à estrutura gramatical; compare (4a), que é não-estrutural com sua contrapartida estrutural (4b):

- (4) a. Está chovendo. Então vamos ficar em casa.
b. Já que está chovendo, vamos ficar em casa.

Apesar da presença ou da ausência do elo estrutural, a relação semântica que provê a coesão, no caso, de causa, é a mesma em ambos, diz Hasan. Por essas razões, a coesão dentro da sentença não precisa ser considerada um fenômeno essencialmente distinto. A coesão é uma relação geral de formação-de-texto que, quando incorporada dentro da estrutura da sentença, sujeitam-se a certas restrições – sem dúvida porque a condição gramatical de ser uma sentença assegura que as partes estejam juntas para formar um texto. Mas as relações coesivas são as mesmas estejam ou não seus elementos dentro da mesma sentença.

Como regra geral, os exemplos citados pela autora são de coesão através de limites sentenciais, já que aqui o efeito é mais definitivo e o significado é mais óbvio; laços coesivos entre sentenças respondem mais claramente porque são as únicas fontes de textura, enquanto na sentença há relações estruturais também. Na descrição de um texto, é a coesão intersentencial que é significativa porque representa a variabilidade dos aspectos da coesão distinguindo um texto de outro.

A textura, como a estrutura, está relacionada ao contexto de situação. Comparemos os seguintes exemplos:

Quadro 3 - A textura, a estrutura e o contexto de situação

<p>Exemplo A: Era uma vez uma menininha e ela saiu para um passeio e ela viu um ursinho fofinho e então ela o levou para casa e quando em casa ela o lavou.</p>	<p>Exemplo B: Ele montou num búfalo. Eu o pus no armário. Eu reservei um lugar. Eu não o comi.</p>
---	--

Fonte: Hasan, 1989.

O texto A apresenta uma certa continuidade que falta em B. Uma dessas continuidades pode ser descrita em termos de estrutura de Gênero. Embora A esteja incompleto, é um exemplo claro de um Gênero familiar, isto é, uma estória inacabada. Já não se reconhece tão facilmente o Gênero de B, embora possamos perceber as sentenças como tendo sido retiradas de um livro de exercícios de língua. Mas B não apresenta uma estrutura de começo, meio e fim.

Mas a continuidade estrutural não é o único tipo de continuidade. Assim, A possui o atributo da textura, que falta ao texto B. Notemos que em A há certos tipos de relação de significados entre suas partes que não se encontram em B. São essas relações de significado que constituem a textura. Por exemplo, *ela* refere-se à *menininha*. Uma maneira mais concisa de dizer é dizer que *ela* é co-referencial à *menininha*.

Para Hasan, a textura de um texto se manifesta através de certos tipos de relações semânticas entre suas mensagens, e se propõe a examinar a natureza dessas relações e os padrões léxico-gramaticais que as realizam. Pelo menos num primeiro momento, textura e estrutura de texto devem ser encaradas como fenômenos separados. Dizer que uma passagem possui textura não significa dizer nada a respeito do *status* específico de estrutura dessa passagem. A propriedade de textura está relacionada à percepção de coerência pelo leitor. Assim, A será visto como coerente, enquanto B não o será.

1.3.1 O elo coesivo

Hasan dá os seguintes exemplos, com tradução minha, para mostrar tipos de elo coesivo.

Quadro 4 - Textos ilustrativos de elos coesivos

(A) Eu tinha uma arvorezinha Nada ela carregava Mas uma noz de prata E uma pêra dourada	(B) Eu toco violoncelo. Meu marido também.
--	--

Fonte: Hasan, 1989

O elo coesivo pode ser de 3 tipos:

- a) **co-referencialidade**: entre *arvorezinha* e *ela*;
- b) **co-extensão**: entre *prateado* e *dourado*, ou seja, entre termos que entram em relação de sinonímia, antonímia, hiponímia, meronímia - parte-todo -;
- c) **co-classificação**: entre *toco violoncelo* e *também*.

Ela e *também* são instrumentos de codificação implícita, isto é, só podem ser interpretados através da relação com outro, e por isso eles são essencialmente relacionais. A pergunta que surge: onde se deve encontrar o outro? Já vimos a natureza funcional da língua e a relação íntima entre contexto e estrutura textual. A unidade textual possui duas circunstâncias:

- (a) circunstância extra-lingüística – **contexto** – relevante para o texto inteiro;
- (b) circunstância lingüística – **co-texto** – a língua que acompanha a unidade em foco.

A resposta para a pergunta acima: A interpretação do elemento implícito deve ser encontrada no **co-texto** ou no **contexto**. A interpretação é, então, considerada:

- (a) **Endofórica**: a fonte de interpretação do elemento implícito está no co-texto:
 - (i) anafórica - se o elemento implícito vier depois do referente (e.g. João comprou um carro, mas ele não sabe dirigir.);
 - (ii) catafórica - se vier antes (Eu a vi, então. Maria estava linda!).
- (b) **Exofórica**: a fonte está no contexto, fora do co-texto. *Pare de gritar aqui.* (você)

A coesão gramatical depende da coesão lexical e vice-versa. Veja exemplos ilustrativos desses tipos de coesão:

- (1) (a) João acorda cedo. Compramos uma gravata. Ele adora pêssegos. Minha casa é perto da dele. (**sem coesão lexical**).
- (b) Um gato está na cerca. A cerca é feita de madeira. Os carpinteiros trabalham com madeira. Tábuas de Madeira podem ser compradas na marcenaria. (**sem coesão gramatical**).

Os membros de uma *cadeia de identidade* são ligados por co-referência. Os membros de uma *cadeia de semelhança* são ligados por co-extensão e por co-classificação. Dois textos mergulhados na mesma Configuração Contextual apresentarão coincidência na cadeia de semelhança. Os itens de uma cadeia de semelhança pertencem ao mesmo Campo e formam agrupamentos semânticos - que são específicos para cada Gênero.

Elementos que garantem a coerência e a coesão de um texto

Segundo Eggins (1994), a coerência depende do:

- (i) contexto cultural - Gênero: estrutura esquemática e finalidade;
- (ii) contexto situacional - Registro: campo, relações e modo.

Eggins analisa, passo a passo, os vários fatores que constituem a coerência e a coesão de um texto. Antes de mais nada, o texto exige seqüencialização. Veja:

- (2) A: *Que horas são?*
B: *Júlia desceu do carro na estação da Luz.*

Examinando a conversa do cotidiano, os especialistas notaram que: 'Nenhum enunciado real pode ocorrer fora de uma seqüência específica. Qualquer coisa que for dita, será dita num contexto seqüencial'. (Atkinson & Heritage 1984).

Eggins analisa várias seqüências, das quais selecionamos algumas, e mostra como o texto que não contém os elementos citados acima, ou seja: os que se referem ao contexto cultural (Gênero) e ao contexto situacional (Registro) não são satisfatórios em termos de coerência. Veja exemplo:

- (3) Era uma vez um ratinho chamado Pito. Está quente como nunca em Paris. Quando a corrida vai começar? Ele faz assim. Não, não sei fazer biscoitos de chocolate.

A que Gênero pertenceria este trecho? Parece ser, inicialmente, uma narração, mas a continuação é de comentário e o final é um diálogo. Ou seja, não há coerência de Gênero. O que significa dizer que o texto não apresenta textura, isto é, não é um texto. Quanto à coesão, Eggins mostra que ela depende da:

- (i) manutenção dos *participantes, referência;
- (ii) seleção lexical;
- (iii) conjunções.

* Notemos que participantes não têm o significado de Participante, elemento da transitividade, da metafunção ideacional. Aqui significa um elemento ligado ao tópico tratado no texto cuja manutenção através do texto contribui para a coesão.

Veja a seguir, um texto que não apresenta os referidos elementos. Notemos que, em termos de coerência, o exemplo é uma narração, isto é, segundo Labov (1966), contém as partes de uma narrativa: resumo, orientação, complicação, resolução, avaliação e coda.

- (4) Era uma vez um ratinho chamado Pito. Os meninos viviam em uma ampla casa de tijolo vermelho e telhado de sapé na rua mais comprida da vila. Naquela manhã, dona Amélia saiu de casa apressada. Mas, mais tarde, Renato percebeu que o carro não tinha breque. Por isso eles correram e correram e correram até que o gigante ficou cansado e não conseguiu mais persegui-los. “Que dia!”, ela suspirou. Assim ele não vai mais sozinho às lojas.

Mas não apresenta coesão, pois (a) não há manutenção de participantes. Começa falando no ratinho Pito, passa para meninos - que poderiam ser os donos do Pito -, mas a seguir fala da dona Amélia e depois no Renato, cuja ligação com a narrativa não fica clara. Com a menção do gigante, e com os comentários finais, chega-se à conclusão de que o texto não mantém os participantes de maneira que permita compreender a narrativa. (b) O que dizer sobre a seleção lexical? Ela está prejudicada devido à falta de manutenção dos participantes. (c) E sobre os elos lógicos? Existem elos lógicos, mas como ligam fatos semanticamente desconectados entre si, sua função igualmente sem sentido.

O texto é, portanto, o resultado da coerência contextual, Gênero e Registro, e da coesão, elos semânticos através dos quais cada parte do texto depende de outras para sua interpretação. Mas, segundo Eggins, o texto não é uma categoria preto-no-branco há, isto sim, um contínuo, entre mais e menos textualidade.

1.3.2 Coesão e Coerência no Discurso

Tendo examinado as propostas de Halliday & Hasan (1976; 1989), que abriram caminho para o estudo da coerência e da coesão, com sua obra sempre citada *Cohesion in English* (1976), e Eggins (1994), passo a apresentar os caminhos que essas noções tem trilhado até data mais recente. Trato das posições de Koch (1990, 2005), Fávero (1991), Antunes (2005), Paladino (2006), Indursky (2006). É importante notar o modo como a informação dada e a informação nova são integradas ao texto, e como esse fato contribui para a coesão e para a coerência do texto. Também se mostram essenciais aqui, as noções de Tema e Rema, bem como o papel do contexto no estabelecimento dos elos entre os elementos do texto. Mais abaixo apresento exemplos cujos elos coesivos – nem sempre presentes no texto – são inseridos pelo leitor devido ao conhecimento do contexto cultural, ou seja, do Gênero, ou do contexto situacional, Registro, o mesmo acontecendo com a coerência atribuída pelo leitor na sua interação com o texto. Esses fatos levam-me a considerar a questão da Progressão Temática que, com base nesses elos, constitui o fluxo da informação no texto.

Koch (1990: 68) estabelece que a coerência de um texto se consagra no equilíbrio entre informação dada e informação nova. Seriam consideradas, ainda, informações conhecidas, aquelas que constituem o co-texto, ou seja, que são recuperáveis a partir do próprio contexto situacional, ou seja, da situação em que se realiza o ato da comunicação, informações que são de conhecimento geral em dada cultura, e que remetem ao conhecimento comum do produtor e do receptor. Afinal, a construção de um mundo textual compreensível é o fator primordial para que o texto possa ser, a partir desse dado, considerado como coerente ou não.

A autora argumenta que, para que possamos estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência entre os conhecimentos nele ativados e o nosso conhecimento de mundo, ou não teremos condições de construir o mundo real dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido. A coerência não é característica do texto nem dos usuários, mas reside no processo que coloca o texto e os usuários em relação em uma determinada situação, isto é, a construção da coerência decorre de uma multiplicidade de fatores das mais diversas

ordens: lingüísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais. Para Koch (2005: 7).

A Lingüística Textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou seqüências de enunciados, alguns deles, inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase. Este é o momento a que se denomina 'análise transfrástica', no qual não se faz, ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto.

Para a autora, a coesão textual envolve uma quantidade de diferentes relações lingüísticas, lexical, referência, substituição, que são responsáveis pela formação da textura. É imprescindível que haja ligações, formando um tecido que funciona como um todo. O texto precisa apresentar textualidade, isto é, ser bem estruturado, ter palavras, frases e idéias articuladas entre si. Palavras relacionando-se com palavras, frases com outras frases, parágrafos com outros parágrafos, conexão garantida pela coerência e pela coesão textual. Logo, a produção textual envolve uma série de procedimentos, como seleção vocabular, antecipação, inferência, que permitem controlar o que vai ser escrito e lido.

De acordo com Fávero (1991: 17), a coerência não é uma unidade de sentido, mas uma dada possibilidade interpretativa resultante localmente. Dois interlocutores se entendem não só porque são coerentes no que dizem, mas, principalmente, porque sabem do que se trata em cada caso. E, quando não sabem, manifestam seu desentendimento de modo a integrá-lo como parte efetiva no próprio texto. A coerência ocorre quando não há contradição entre os diversos valores textuais, cada segmento textual é pressuposto do segmento seguinte, que, do mesmo modo, será pressuposto para os que sucederem, formando uma cadeia em que todos estejam sintaticamente ligados. Texto incoerente é aquele em que o receptor não consegue descobrir qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados, seja pela inadequação entre esses conhecimentos e o universo cognitivo.

1.3.2.1 Tipos de elo coesivo

Para Antunes (2005: 58), a coesão dos textos não se limita a operações de tirar e pôr palavras, toda interação verbal resulta de uma rede de conhecimentos, de

relações, de intenções partilhadas. É um processo que se constitui na atividade social. A produção e recepção de um texto são atividades interativas, pois mobilizam conhecimentos de muitos tipos e são partes de atuação e práticas sociais mais amplas. Produzir um texto coeso e coerente é muito mais que emitir palavras em cadeia ou interligar orações e períodos, pois o texto vai além do que aparece, do que está explícito em suas formas lingüísticas.

O propósito da autora é o de conceituar, classificar e exemplificar os tipos de processos coesivos que contribuem para a tessitura textual. São três os tipos de elos, e diferem quanto ao nexos que promovem nas relações de: reiteração, associação ou conexão.

- (1) A coesão pela relação de reiteração, de acordo com Antunes (2005), é a relação pela qual os elementos do texto vão sendo retomados, criando um movimento constante de volta aos segmentos prévios, como se um fio o perpassasse do início ao fim. É por isso que todo texto se desenvolve de modo que cada palavra se vai ligando às outras anteriores. Esse movimento indica que tudo o que vai sendo posto no texto é virtualmente objeto de futuras retomadas.

Cada vez que substituímos uma expressão por um pronome ou por um sinônimo, ou repetimos a palavra estamos promovendo sua coesão. Como acontece no trecho abaixo em que o processo de reiteração é promovido pela repetição das palavras células-tronco e tipo:

Há três tipos de **células-tronco**. As mais comuns são encontradas na medula do ser humano em qualquer idade, mas seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro **tipo** são as **células-tronco** existentes no cordão umbilical, mais potentes que as da medula. Mas o **tipo** mais promissor são as **células-tronco** dos embriões humanos. (Veja, 02/03/2005).

- (2) A coesão pela relação de associação é um tipo de relação que se cria no texto por ocasião da ligação de sentido entre diversas palavras presentes. Palavras de um mesmo campo semântico ou de campos semânticos afins criam e sinalizam esse tipo de relação. Existe sempre uma ligação entre as palavras de um texto, pois todo texto é marcado por uma unidade temática, isto é, pela

concentração em um único tema, às vezes, desenvolvido em subtemas diversos, como ocorre no exemplo abaixo:

Há três tipos de **células-tronco**. As mais comuns são encontradas na **medula** do **ser humano** em qualquer idade, mas seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro tipo são as **células-tronco** existentes no **cordão umbilical**, mais potentes que as da **medula**. Mas o tipo mais promissor são as **células-tronco** dos **embriões humanos**. (Veja, 02/03/2005).

No exemplo citado, pode-se constatar a proximidade de sentido entre palavras como: *célula-tronco*, *medula*, *cordão umbilical*, *embrião*, *ser humano*, que comprova que predomina no trecho um tópico sobre o qual se está falando. Uma forma de garantir a coesão do trecho.

- (3) A coesão pela relação de conexão, para Antunes (2005: 55), corresponde ao tipo de relação semântica que acontece entre as orações, períodos, parágrafos ou blocos supraparagráficos. Realizam-se pelas conjunções, preposições e respectivas locuções – ou expressões de valor circunstancial. Abaixo, em destaque, duas ocorrências da conjunção adversativa ‘mas’.

Há três tipos de células-tronco. As mais comuns são encontradas na medula do ser humano em qualquer idade, **mas** seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro tipo são as células-tronco existentes no cordão umbilical, mais potentes que as da medula. **Mas** o tipo mais promissor são as células-tronco dos embriões humanos. (Veja, 02/03/2005).

Os conectores indicam a relação semântica que se pretende estabelecer entre os segmentos: orações, períodos, parágrafos. Qualquer texto mais longo comporta todas essas relações: de causalidade, de temporalidade, de oposição, de finalidade, de adição etc, as quais vão indicar a direção argumentativa do texto, além de funcionarem como elos com que se conectam às várias partes de um texto. Qualquer texto comporta uma ou todas essas relações, dos mais curtos aos mais extensos, pois as relações requisitadas para a recuperação das informações da comunicação podem ser presumidas pela situação contextual.

Para a autora, a função da coesão é a de criar, estabelecer, e sinalizar os laços que deixam vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados, por isso identifica-se um texto coeso quando suas partes das palavras aos parágrafos

estão unidas entre si. A coesão, ainda, exerce a função de promover a continuidade do texto para que não se perca do fio de unidade que garante a sua interpretabilidade. Por causa das sucessivas ligações que vão se estabelecendo, a interpretação de cada segmento vai sendo afetada pela interpretação das outras anteriores ou subseqüentes. As ligações não vão acontecendo simplesmente na superfície da seqüência textual, mas sinalizam as ligações conceituais subjacentes à superfície. Se há ligações na superfície textual é porque existem no âmbito do sentido e das intenções pretendidas. A compreensão do que o outro diz resulta dessa relação que se estabelece em cada segmento, em todos os níveis.

Segundo Antunes (2005: 43-61), o conhecimento do valor semântico das palavras de um texto ainda não é suficiente para se apreender seu sentido global; é preciso, ainda, estabelecer relações entre as diferentes unidades. Em suma, quando se pretende que os textos sejam coesos, deve-se preservar sua continuidade, para que se efetive a unidade do sentido e das intenções da interação verbal. A continuidade é providenciada no percurso do texto e os termos se vão ligando porque se vão relacionando conceitualmente.

Ainda, declara a autora, é importante ressaltar que a continuidade que se instaura pela coesão é uma continuidade semântica, que se expressa pelas relações de reiteração, associação e conexão que ocorrem graças a vários procedimentos que se desdobram em diferentes recursos.

1.3.2.2 A inseparabilidade entre coesão e coerência

Segundo Paladino (2006: 1), no campo da definição do texto, a coerência é, em Lingüística Textual, inseparável da noção de coesão, com a qual é freqüentemente confundida, e é uma das questões fundamentais que mais atenção tem recebido por parte de disciplinas como Análise do Discurso e a Teoria do Texto. Ao longo das últimas décadas, numerosos têm sido os estudos efetuados nesse domínio. A própria noção de coesão tem sido objeto de abordagens diversas, confundindo-se por vezes o seu âmbito com o de noções como coerência, conectividade etc.

Para ela, todo texto apresenta um equilíbrio entre informações pressupostas e informações retomadas de frase em frase, sobre as quais os novos enunciados se

apóiam, principalmente, quanto à repetição assegurada pelos temas, de um lado, e à contribuição de novas informações, remas, do outro. A autora declara que a *Linguística Textual* tem como objetivo principal, a teorização da coesão. A coerência, ao contrário, da ordem das práticas discursivas, refere-se mais à *Análise do Discurso* atenta ao Gênero, ao objetivo, aos saberes recíprocos dos co-enunciados no contexto de uma dada interação.

Paladino (2006: 10) afirma que a coesão textual compreende as articulações gramaticais existentes entre as palavras, orações, frases, parágrafos e partes internas de um texto. Ela é responsável pela clareza e precisão das idéias do texto. É decorrente de relações de sentido que existem entre elementos componentes do texto. Assim, a interpretação de um termo depende da interpretação do outro termo ao qual faz referência, isto é, a significação de uma palavra vai pressupor a de outra. A coesão se manifesta no plano lingüístico, ou seja, nas relações semânticas e gramaticais entre os vários enunciados do texto. Portanto, diz-se que um texto está coeso quando ocorre perfeita articulação de sentido entre os elementos gramaticais que o compõem, isto é, quando seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si, havendo concatenação entre eles. Tanto a coerência quanto à coesão são responsáveis pela construção do sentido do texto e, portanto, de sua textualidade.

Para a autora, a coesão é elemento indispensável para a compreensão do texto, mas é a coerência que lhe dá sentido. Portanto, é importante observar que há textos desprovidos de elementos de coesão, mas coerentes, e também textos que apresentam vários mecanismos de coesão, mas que não são coerentes. A relação de sentido entre as orações de um período é estabelecida, sobretudo, por certas categorias de palavras (preposições, conjunções, pronomes, advérbios), chamadas conectivos ou elementos de coesão que não são simples palavras de ligação, mas elementos gramaticais dotados de valor semântico que estabelecem inúmeras relações de sentido entre partes de um enunciado: causa, finalidade, conclusão, condição, contradição, explicação, conseqüência etc.

Para Indursky (2006: 47-50), há três conceitos fundamentais formulados pelos lingüistas textuais quando se trata de estrutura textual. Inicialmente é necessário examinar a textualidade, propriedade intrínseca de um texto e, ainda, analisar a coesão e a coerência. Estes três conceitos representam o cerne dos estudos

textuais para essa área do conhecimento. Os estudos da Lingüística Textual imprimiram dois movimentos distintos às pesquisas de campo de conhecimento: de um lado, pretendeu-se constituir uma gramática do texto e, de outro, buscou-se estudar as conexões entre frases. Seja por uma ou por outra, é pela análise do texto e de sua coesão que é possível perceber a unidade que dá origem à coerência.

É importante ressaltar que em nenhum momento anterior esta teoria interrogou-se sobre o sujeito que produz o texto, ou seja, a Lingüística Textual também afastou a consideração de sujeito. A partir deste quadro, continua a autora, a Lingüística Textual começa a perceber que o texto, além de ser uma superfície, pode ser examinado em relação aos seus fatores de coesão e de coerência, é também um ato comunicativo. Os lingüistas admitem o fato de que para estudar o texto é preciso examinar relações que ultrapassam o limite do texto propriamente.

Segundo a autora, na perspectiva da Lingüística Textual, o texto é concebido como uma unidade pragmático-comunicativa porque o autor tem certas intenções comunicativas que se fazem presentes. Por isso o texto deve satisfazer a um conjunto de critérios interdependentes (1) Coesão: perceptível pelo jogo de interdependências entre as frases; (2) Coerência: remete para a intenção global do texto, fundamental para a textualidade. Ambas promovem a inter-relação semântica entre os elementos textuais, respondendo pela conectividade textual. Os outros cinco critérios: *intencionalidade*, *aceitabilidade*, *situacionalidade*, *informatividade* e *intertextualidade*, a autora declara, remetem às qualidades pragmáticas do texto. A intencionalidade e a intertextualidade se referem diretamente aos protagonistas do texto. Por meio da intencionalidade o locutor propõe-se a produzir um texto que desencadeie um determinado efeito sobre o interlocutor; a intencionalidade está ligada ao efeito desejado no jogo de atuação comunicativa. A aceitabilidade representa o outro ponto deste jogo de atuação, é o receptor do texto que precisa demonstrar a permissão no que tange as instruções expressas pelo texto. Ambas representam os dois pólos do jogo pragmático de atuação comunicativa mediada pelo texto. Já, a situacionalidade aponta para a relevância e pertinência do texto em relação ao contexto produzido e a informatividade é o critério através do qual o receptor vai avaliar o grau de informação nova que o texto veicula. E, por último, a intertextualidade: um texto faz sentido se colocado em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto. Fica claro que há uma diferença qualitativa entre os

critérios, em decorrência, estabelece-se uma certa hierarquia que pretende dar conta do texto.

De acordo com Indursky, dos dois primeiros critérios – coesão e coerência -, de natureza semântico-formal, decorrem as qualidades da textualidade, fatores essenciais para desencadear a reflexão do texto por parte do leitor. A partir destes dois critérios, inicia-se uma escala descendente que marca que nem todos têm a mesma importância. A intencionalidade e a aceitabilidade são as mais importantes, pois mobilizam os atores da ação comunicativa. Depois os autores apontam o critério situacionalidade e relevância do texto para o contexto comunicativo. O quarto critério coloca o receptor como avaliador do volume de informação nova contida no texto, atividade que está cada vez mais distante da textualidade do texto. Por último, o receptor vai relacionar o texto com outros textos.

Continuando, a autora declara que os critérios pragmáticos, neste campo do conhecimento, são secundários e não constitutivos do texto, ou seja, procuram contemplar elementos da exterioridade. Os últimos são mobilizados em ordem decrescente de importância. Enquanto a coesão e a coerência são constitutivas da textualidade, os fatores pragmáticos desempenham papel importante, mas não essenciais para a construção da textualidade de um texto.

O que permite afirmar isto, na visão de Indursky (2006: 51), é o exame cuidadoso das análises que trabalham com esta concepção teórica de texto: a ênfase aos mecanismos lingüísticos que vão tramando o texto, nas tomadas e retomadas e em sua progressão. Os outros critérios vieram juntar-se aos dois primeiros, muito tempo depois, oriundos de outras áreas do conhecimento, e foram acoplados à teoria, à medida que os estudos apontavam para a natureza pragmático-comunicativa ou cognitiva do texto.

Outra consequência desta heterogeneidade teórica, ou seja, da confluência dos critérios citados acima, é que, inicialmente, falava-se em texto, com o tempo, a teoria passa a mencionar também discurso, inserido no corpo teórico da Lingüística Textual, sem a busca da distinção entre os dois. Ao contrário, texto e discurso passam a conviver e serem utilizados um pelo outro, numa espécie de sinonímia.

A Lingüística Textual, de acordo com Indursky (2006), formulou muitas noções teóricas tais como: coesão, coerência, textualidade, sentido textual, unidade

de significação etc., mas outras noções foram emprestadas, tomadas de outros campos do conhecimento, tais como a lingüística, a pragmática, a teoria dos atos de fala, a análise do discurso e a teoria da enunciação, entretanto, sem submetê-las a nenhuma teorização, trabalho que pertence ao campo em que foram formuladas e não a Lingüística Textual. Tais empréstimos fazem com que os contornos teóricos específicos da Lingüística Textual, os limites e as fronteiras fiquem embaçados, encobertos pelos saberes de outros campos. De qualquer forma, reservadas essas observações, o grande mérito da Lingüística Textual foi e sempre será o de ter ultrapassado as fronteiras da frase e da lingüística convencional na construção de um novo objeto de análise, o texto.

1.3.2.3 *Exófora em lugar de endófora*

De acordo com Cornish (2003: 1-26), o discurso designa o resultado das seqüências de atos enunciativos, ilocucionários e indexicais hierarquicamente estruturados, mentalmente representados em que os participantes se engajam conforme a comunicação se desenrola. Tais seqüências têm como sua *raison d'être* a realização de alguma meta comunicativa, e podem ser vistas como constituídas de unidades menores caracterizadas pelo fato de que as 'microproposições' (Kintsh & Van Dijk, 1978) que elas contêm são localmente coerentes, isto é, realizam um nível conhecido como 'estrutura intencional'. Tais unidades mantêm entre si uma certa relação manifestando um tipo mais global de coerência.

Essa distinção é feita porque o discurso, isto é, a construção situada e a interpretação da mensagem via um texto relativo a um contexto, em termos das intenções do produtor – é um empreendimento (*re-construtivo*) e, portanto, altamente probabilístico. Da perspectiva do receptor, não é uma questão de simplesmente *decodificar* o texto para chegar à mensagem plena originalmente pretendida pelo produtor. O 'significado' não está 'no' texto; ele tem de ser construído pelo receptor através do texto e do contexto apropriado. Em qualquer caso, o texto é, em geral, se não sempre, incompleto e indeterminado em relação ao discurso que pode ser derivado do texto em conjunção com o contexto. A distinção está ligada ao fato bem conhecido de que a evocação de aspectos superficiais do texto é mais alta imediatamente depois da leitura pelo leitor; mas essa habilidade desaparece quando

um lapso de tempo significativo separa a leitura da evocação: aqui, o conteúdo geral - o 'essencial' do texto - é mais bem lembrado que os detalhes da superfície do texto. Muito do discurso cotidiano é em todo caso 'oblíquo', isto é, não há uma relação uma-a-uma entre forma e significado, ou seja, o enunciado ou o significado do produtor, oposto ao significado lingüístico.

Diferentemente da abordagem tradicional da anáfora em termos da chamada *endófora* (e.g. Halliday & Hasan, 1976), em que a expressão anafórica precisa primeiramente ligar-se a um antecedente textual co-ocorrente adequado para que a relação anafórica se estabeleça, a abordagem desenvolvida por Cornish pede uma relação mais indireta, em três vias, entre o que o autor chama de (a) *desencadeador-de-antecedente* (Cornish, 1999: 41-43); (b) uma representação discursiva mental; e (c) uma anáfora. Sob essa abordagem há uma interação entre os domínios do texto e do discurso, enquanto que, sob a concepção tradicional, a relação é estabelecida inteiramente dentro do texto. É por razões '*top-down*' em vez de exclusivamente '*bottom-up*', o que inclui fatores intertextuais, que a referência indexical da anáfora do discurso é estabelecida (veja Emmott 1995: 84-86; Werth 1999: 291-293). A definição de anáfora citada a seguir é exemplo típico de abordagem intratextual de anáfora - hoje descartada -: 'uma expressão é anafórica se sua interpretação referencial depender de outra expressão que se encontra no co-texto'.

Segundo Cornish, não há necessidade de haver nenhuma outra 'expressão relevante ocorrendo no co-texto' com a qual se contrate tal relação. Mesmo quando há um co-texto antecedente potencial, é evidente que a escolha não é algo que se faça automaticamente - mesmo embora, em muitas circunstâncias de uso normal da língua, a 'resolução' da anáfora é virtualmente automática, e não oferece chance para um cálculo consciente da parte do receptor. Charolles & Sprenger-Charolles (1989) raramente observaram regressões do olhar do leitor em direção a um antecedente textual ao encontrar uma anáfora. Além disso, para os autores, o tratamento da anáfora pelos textualistas requer que os traços morfológicos da anáfora pronominal combinem com os da expressão antecedente, isto é, do seu referente. Mas essa combinação não é necessária, especialmente no discurso falado.

Nos casos em que não existe antecedente co-textual relevante, podemos trabalhar com a chamada 'exófora' que Cornish afirma funcionar essencialmente do mesmo modo que a endófora padrão. Para ilustrar esse fato, tomemos um exemplo:

- (1) [Contexto: diante de uma porta fechada do escritório de um membro do *staff* acadêmico da Universidade de Kent em Canterbury, UK. Um estudante está indeciso diante da porta, evidentemente interessado em ver o membro em questão. Um outro estudante, que conhece o membro do *staff* em questão, passa, e vendo a situação, diz]:

Ele não está aí!

Notemos que o referente indicado pelo pronome *ele* não está co-presente na situação do enunciado. O que é mais importante é a existência de uma representação discursiva partilhada de uma situação saliente na qual esse referente desempenha o papel central.

Para Cornish (1999), a presença do estudante diante da porta atua como o *desencadeador-de-antecedente* (DA). Como tal, ele induz o estabelecimento da representação discursiva relevante na mente do produtor, algo como: 'este estudante está querendo ver X'. A relação metonímica entre o estudante enfocando a porta e o membro do *staff* é um tipo de conexão explorada no estabelecimento da anáfora. A interpretação completa do pronome *ele* em (1) pode ser representada, informalmente, como 'o membro do *staff* X que o estudante Y está tentando contatar'.

Na proposta de Kleiber (1994: 3) da operação da anáfora pronominal, a predicação anafórica constitui uma extensão coerente da situação contextualmente saliente representada em termos do desencadeador de antecedente, em que o pronome tem como seu referente o protagonista central nessa situação saliente. Aqui temos uma relação de 'efeito-causa' integrando as duas representações. 'Estudante Y quer ver o membro do *staff* X, mas o escritório de X está fechado'(EFEITO), 'e isto é porque X não está aqui'(CAUSA). A situação é assim idêntica a que seria, se o referente do pronome estivesse mencionado explicitamente no segmento relevante do co-texto, como em:

- (2) Estudante: Você sabe se o sr. Smith está em seu escritório?
O outro: Não, ele não está aí.

Nos casos tanto da anáfora co-textual, 'endófora' como em (2), quanto da anáfora contextual 'exófora', como em (1), a representação da interpretação da anáfora em contexto torna explícita a relação que o seu referente contrai com a situação circundante – dado que as anáforas zero e átonas sempre recuperam o referente de uma situação saliente na qual desempenha papel central. Se esse referente foi evocado direta e explicitamente no co-texto precedente - ou subsequente, no caso da catáfora -, ele não é nem uma condição necessária nem suficiente para a existência da anáfora. O referente visado pela anáfora está associado de algum modo à representação discursiva evocada via o DA - um enunciado, um gesto -, e é estabelecido como uma função do segmento inteiro do discurso construído, subsequente à introdução dessa representação.

Paralelamente, não é apenas a anáfora, que pinça a representação 'antecedente', mas a oração ou frase anafóricas inteiras, em que o componente predicativo dessa unidade hospedeira desempenha um papel decisivo nesse processo. Assim, com a anáfora, para Cornish, não é apenas uma questão de uma relação sendo contraída entre duas expressões independentes - entre o antecedente, como tradicionalmente concebido, e a anáfora -, e nem o referente da anáfora ou *denotatum* é simplesmente o referente ou *denotatum* do DA. É aqui que a construção do discurso desempenha um papel decisivo. No caso da resolução da anáfora, esta envolve essencialmente um processo de integração da predicação do DA com o seu contexto discursivo, a modificação da representação assim introduzida como uma função de predicações subsequentes, e na elaboração adicional dessa representação discursiva via integração do conteúdo da unidade anafórica e o contexto discursivo predominante no ponto de ocorrência. Vamos examinar um interessante exemplo falado, altamente elíptico, para ilustrar essa proposta complexa do modo como a anáfora atua em termos do discurso:

(3) [Diálogo num filme:]

Mulher: Por que você não escreveu para mim?

Homem: Eu escrevi... começava-a, mas eu sempre as rasgava.

(Fragmento do filme Summer Holiday).

Segundo Cornish (1999), o primeiro enunciado desse fragmento de diálogo é o DA, junto com o seu ponto ilocucionário, o pedido feito ao homem que justifica o

fato de ele não ter escrito [nenhuma carta] para a mulher. A existência de uma ou mais cartas escritas pelo homem para a mulher é negada pela sua pergunta negativa, assim o referente de as não pode ser idêntico ao do seu 'antecedente'. O predicador *escrever* na pergunta da mulher é para ser interpretado no sentido de 'corresponder', com o seu argumento interno não expresso sendo construído como 'a carta'.

No enunciado inicial elíptico na resposta do homem, introduz-se uma representação da escrita passada de uma carta ou cartas para a mulher - já que esse enunciado é uma rejeição direta da pressuposição incluída na pergunta negativa da mulher -, e essa representação é imediatamente revista através do segundo enunciado elíptico do homem *começava a*, que cria a implicatura de que a carta ou cartas não foram enviadas à mulher. Essa implicatura é confirmada através do processamento do terceiro enunciado do homem, em que se afirma que ele destruía as cartas parcialmente escritas.

O fato de o verbo *rasgar* nesse conjunto anafórico ser modificado pelo advérbio quantificador *sempre*, no sentido de 'em toda ocasião em que te escrevi uma carta', significa que a própria frase verbal está quantificada, e justifica o plural do pronome clítico (as), a referência sendo mais de uma carta. O fato de o pronome ocorrer como objeto direto do verbo *rasgar* - assim correspondendo ao seu argumento interno em termos léxico-semânticos - significa que o referente pretendido deve ser construído como um objeto físico 'rasgável', algo que uma carta pode ser.

Vemos então que o referente discursivo envolvido é construído progressivamente como uma função das três predicções indexicais que o evoca, [*desencadeador-de-antecedente* - uma representação discursiva mental - uma anáfora]. Temos evidência dos papéis do DA e das predicções anafóricas, bem como das inferências trazidas para conectar as duas, numa representação discursiva coerente de um dado fragmento de texto – que pode ser relativamente não explícito.

Ao estudar os exemplos (1) e (3), tratamos de dois dos três pólos dos funcionamentos anafóricos citados no início, isto é, o DA e a representação discursiva criada ou modificada no processo da resolução do referente da anáfora. Vamos examinar o terceiro pólo, ou seja, o tipo de anáfora envolvida na relação. Os

exemplos (1) e (3) ilustraram o uso de pronomes da terceira pessoa (*ele* e *as* respectivamente). Esse tipo de anáfora é especializado em sinalizar continuidade de referência, e seu uso pressupõe que o referente pretendido ou *denotatum* seja altamente saliente e topical no desenvolvimento da unidade discursiva. Como Kleiber (1994: 3) mostra, uma predicação que contenha um pronome átono referencial de 3ª. pessoa serve para estender a situação evocada através de uma dada predicação antecedente, uma situação que seja psicologicamente saliente e na qual esteja o protagonista central. Nos casos em que essa condição não acontece, um tipo de forma indexicalmente 'mais forte' precisa ser usada no lugar do pronome pessoal. Isto é ilustrado no exemplo (4), em que o demonstrativo, e não um pronome pessoal, é requerido para efetuar a referência pretendida:

- (4) a) A funcionária repetiu ingenuamente sua mentira para Mlle Vatnaz; esta acabou contando para o bom funcionário (sobre isso).
- b) # A funcionária repetiu ingenuamente sua mentira para Mlle Vatnaz; ela acabou contando para o bom funcionário (sobre isso).

Dado que a protagonista saliente na primeira oração é a funcionária, então o pronome da 3ª. pessoa 'ela' é indicada como a anáfora apropriada para recuperar esse referente. Note que o SN *funcionária* em (4) é um nominal definido em posição de sujeito, e assim um bom candidato para tópico da oração - em que a oração como um todo é construída como uma estrutura de informação tópico-comentário.

Mas a integração do conteúdo da segunda oração com o da primeira seria bem menos coerente neste caso, já que é mais provável que a pessoa para quem alguém 'ingenuamente contou uma mentira' passará a uma terceira pessoa, e não para o originador da 'repetição'. Assim a situação denotada pela segunda oração não está em continuidade com a primeira, já que o agente (Vatnaz) da passagem da informação originária é - normalmente - distinto da fonte da informação. Além disso, Mlle Vatnaz é expressa como objeto indireto do verbo *repetir*, e assim está apenas na periferia, e não no foco central da atenção quando a oração inicial foi processada.

Um pronome pessoal, como na segunda oração em (4b), não pode, portanto, pinçar o referente de modo natural, se o componente predicativo dessa oração mantiver a continuidade da situação denotada pela primeira - esta falta de coerência é indicada através do prefixo # em 4b.

Um pronome demonstrativo como *esta*, por outro lado, fica perfeito para esse propósito, já que sua 'instrução de uso' requer que o usuário recorra ao contexto do enunciado do *token* indexical, fazendo uso deste para construir o referente pretendido. Isto pede a introdução de uma 'quebra' na continuidade da situação precedente, pela qual uma nova situação se estabelece. Mais ainda, o estabelecimento do referente de uma expressão baseada-num-pronome-demonstrativo requer que o receptor recupere mais de um referente potencial, caso em que o demonstrativo pressupõe um contraste num conjunto de tais referentes. Este é o caso em (4a), em que dois referentes femininos foram evocados na oração inicial.

Finalmente, SNs com núcleo lexicalmente definido, como expressões baseadas-em-demonstrativo, podem ser usados deiticamente ou anaforicamente. Ao contrário dos SNs demonstrativos, os SNs definidos no singular pressupõem unicidade, dentro de um dado conjunto partilhado de referentes (Hawkins, 1978) do referente pretendido, e referem-se inclusivamente a todos os membros desse conjunto em que há mais que um referente. Na visão do autor é essa propriedade dos SNs definidos que os marca como favoráveis ao uso anafórico em lugar do dêitico.

Hawkins adota uma visão discursiva-dinâmica dos SNs definidos - mais especificamente do artigo *o* -, afirmando que tais expressões não necessariamente pressupõem a unicidade ou familiaridade do receptor com o referente pretendido. Pelo contrário, o que é comum em todos os usos do artigo definido é o fato de que seu uso pressupõe um baixo grau de acessibilidade cognitiva do referente do SN que ele introduz, e que um 'acesso ao caminho' para esse referente seja disponível em termos do conhecimento corrente do receptor. Um 'acesso ao caminho' neste sentido denota um 'conjunto de conexões ou elos cognitivos' possíveis de serem construídos pelo receptor entre a entidade designada pelo SN em questão e o conhecimento relevante acessível ao receptor (Epstein, 2002: 345). O artigo definido nos SNs definidos é tratado como um 'desencadeador' para o estabelecimento de um 'acesso ao caminho' relevante para o referente pretendido. O último é então marcado como sendo proeminente-discursivo, embora não necessariamente de alto acesso no ponto em que o SN ocorre.

1.3.2.4 O frame e a coerência

Por sua vez, Bednarek (2005) refere-se à diferença entre coesão e coerência. A coesão é uma propriedade de textos e refere-se aos meios lingüísticos para prover 'textura', isto é, liga as sentenças de um texto, tal como a referência, a substituição, a elipse, a reiteração, a colocação e a conjunção, de Halliday e Hasan (1976), os padrões do léxico, de Hoey (1991), etc. A coerência, por outro lado, é mais bem descrita como conexão semântica, lógica ou cognitiva que está *subjacente* ao texto (cf. de Beaugrande and Dressler, 1981: 4; Bussmann, 1996: 80; Thompson & Zhou, 2000: 121). Ao invés de supor que essas conexões existam independentemente do falante ou do ouvinte, a coerência é hoje claramente definida em relação à contribuição do ouvinte: '[...] a coerência somente é mensurável em termos da avaliação do leitor' (Hoey, 1991: 11). Assim, chega-se a uma simples distinção entre coerência e coesão: a coerência não é uma propriedade inerente ao texto; ela se refere a relações lógicas de um texto e é estabelecida pelos ouvintes. Em outras palavras, ela se refere à extensão pela qual os ouvintes julgam que este texto 'está unido' e constitui um todo unificado. A coesão, por outro lado, é uma propriedade inerente ao texto; ela se refere aos meios textuais explícitos pelos quais as conexões lógicas potenciais são sinalizadas. Em outras palavras, ela se refere ao modo pelo qual as sentenças ligam-se no texto por meios lexicais e estruturais (cf. also Bublitz, 1999).

Assim, a autora supõe que são os *ouvintes* que estabelecem a coerência, e não os textos, embora os meios coesivos dos textos exerçam um amplo papel ajudando os ouvintes a estabelecer a coerência. Em geral, operamos por princípio automático de coerência (cf. Brown e Yule, 1983: 66; Bublitz & Lenk, 1999:156), supondo que o texto seja coerente e que o falante obedeça aos princípios de cooperação (Grice, 1975) que são tacitamente aceitas na conversa. Daí o porquê do esforço que fazemos para criar coerência, apoiando-nos em pistas possíveis.

Frame é uma noção introduzida pelo psicólogo Bartlet em 1932. Numa primeira definição, um *frame* pode ser considerado como uma estrutura mental de conhecimento que capta feições 'típicas' do mundo. Bednarek (2005) trata da aplicação de *frames* ao discurso pelo ouvinte para garantir a coerência. A teoria de *frame* trata do conhecimento de mundo e, desde a sua concepção, o conceito tem

interessado pesquisadores de vários campos e tradições (cf. Tannen, 1993: 3; 1993b:15). Os pioneiros vieram da filosofia e da psicologia, mas seus conceitos foram desenvolvidos e reinterpretados por pesquisadores da inteligência artificial (Minsky, 1975, 1977) e da sociologia (Goffman, 1974, 1981) para nomear apenas alguns campos e autores.

Segundo a autora, *frame* tornou-se um termo associado e ligado a fenômenos diferentes, embora relacionados, ou seja, uma série de outras expressões foi escolhida para referir-se a essas noções. Parece que os termos competidores *scenario*, *schema*, *script*, geralmente diferem apenas em ênfase e não podem ser facilmente distinguidos e, considerando os exemplos usados em sua elaboração, eles podem ser vistos como instâncias particulares de *frames*. A autora segue Fillmore (1992: 111) no que se refere a *frame*, mas a definição de acordo com Minsky (1977) é hoje muito conhecida e referência sempre citada em lingüística (e.g. Koneiding, 1993: 24; Brown & Yule, 1983: 238).

Para Minsky (1977: 355), aqui está a essência da teoria de *frame*. Quando encontramos uma situação nova [...], selecionamos na memória uma estrutura chamada *frame*. Esta é uma estrutura lembrada para ser adaptada para ajustar à realidade através de mudanças de detalhes se necessário. Um *frame* é uma estrutura-de-dados para representar uma situação estereotipada como estar numa certa sala ou indo para uma festa de criança. Ligados a cada *frame* há muitos tipos de informações. [...] Alguns são sobre o que se pode esperar que aconteça a seguir’.

A esse respeito, Luchjenbroers & Aldridge (2007: 27) dizem que, uma vez que um *frame* é acessado, todas as informações associadas relevantes para aquele *frame* e traços contextuais adicionais ficam imediatamente disponíveis para inferências suplementares. É o *frame* que capta as experiências sociais e culturais bem como as expectativas associadas com essas referências. Mais ainda, contudo, cada escolha lexical ativa que fazemos revela mais diretamente como encorajamos os outros a pensar sobre certas pessoas, ações e eventos.

A socialização é sempre tanto individual quanto social. Experienciamos a vida individualmente e subjetivamente, mas também possuímos certos padrões de percepção inatos que usamos para interpretar o mundo, e temos mais ou menos as mesmas experiências sociais dependendo de nossa cultura (cf. Müller, 1984: 57).

Tanto quanto eles são relevantes para a comunicação, os *frames* parecem ser convencionalizados e captam as feições prototípicas de uma situação.

1.4 A relação entre coerência e coesão

Sabe-se que a coesão contribui para estabelecer a coerência, mas não garante sua obtenção. O texto pode ser coerente, não porque as frases que o compõem guardam entre si determinadas relações, mas essas relações podem ser supridas pelo leitor, uma vez que o texto se apresente coerente para ele. Por outro lado, pode haver texto em que se encontram os elos coesivos, mas que não faça sentido, ou seja, não é coerente. Para o texto ser coerente, a coesão é suprida pelo conhecimento de mundo do leitor. Esse conhecimento, ou seja, esse *frame*, segundo Bednarek (2005), que o leitor traz na sua interação com o texto, inclui a noção de gênero – no caso uma poesia moderna -, que contribui para que o leitor seja capaz de inserir os elos coesivos necessários.

A seguir, apresento: (a) texto coerente, porém sem coesão; (b) texto (em prosa) coerente, porém sem coesão; e (c) texto coeso, mas incoerente.

(a) Texto coerente, porém sem elos coesivos:

A PESCA (Affonso Romano de Sant'Anna.)

o anil
o anzol
o azul
o silêncio
o tempo
o peixe
a agulha
vertical
mergulha
a água
a linha
a espuma
estabanado
o tempo
a âncora
o peixe
a garganta
a âncora
o peixe
a boca
o arranco
o rasgão
aberta a água
aberta a chaga
aberto o anzol

aquelino
ágil claro
o peixe
a areia
o sol

(b) Texto em prosa, coerente, porém sem elos coesivos:

CORTE

O dia segue normal. Arruma-se a casa. Limpa-se em volta. Cumprimenta-se os vizinhos. Almoça-se ao meio-dia. Ouve-se rádio à tarde. Lá, pelas 5 horas, inicia-se o sempre. Maria Amélia Mello. (Miniconto publicado no Suplemento Literário do *Minas Gerais* no. 686, ano XIV. 24/11/1979, p.9).

(c) Texto coeso, mas incoerente:

Desde o pé da colina

Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para a sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar de mais perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há 20 anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo este tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar. Autor desconhecido.

1.5 Progressão Tópica

Para Koch (2006: 97), um texto compõe-se de segmentos tópicos, direta ou indiretamente relacionados com o tema geral ou tópico discursivo. A Progressão Tópica pode ser feita de maneira contínua ou descontínua. Após o fechamento de uma seqüência tópica, tem-se a continuidade ou mudança tópica, ou seja, a descontinuidade tópica, quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico. Para que um texto possa ser considerado coerente é preciso que apresente continuidade tópica, isto é, que se realize de forma que não ocorram rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico em andamento sem que haja justificção.

Segundo Goutsos (apud. Koch 2006: 99) a tarefa importante do produtor do texto é indicar a descontinuidade dentro da continuidade mais ampla que se espera

do texto, monitorar a interação discursiva em termos de seqüencialização e segmentar o discurso em blocos, indicando suas fronteiras, isto é, sinalizar a descontinuidade porventura existente entre eles.

O autor pergunta ainda se haveria necessidade de sinalizar também a continuidade, especialmente por se tratar do caso *défault* na interpretação, de acordo com o Princípio da Analogia (Brown & Yule, 1983). Segundo ele, a sinalização cria redundância no texto, o que reduz o esforço exigido do leitor, assegurando-lhe que está no caminho certo e possibilitando-lhe ir adiante. Além disso, o reforço da continuidade faria ressaltar a descontinuidade, quando ela ocorresse. Continuidade envolve progressão. A progressão textual necessita garantir a continuidade de sentidos, o constante ir-e-vir entre o que foi dito e o vir-a-ser dito, responsável pelo entretecimento dos fios do discurso. Para isso o autor dispõe de uma série de estratégias:

1. *Continuidade referencial* – a continuidade dos referentes obtida por meio das cadeias referenciais mantendo-se em estado de ativação na memória de trabalho.
2. *Continuidade temática* – o emprego de termos de um mesmo campo semântico/lexical mantém ativado o *frame* de que tais termos são representantes, o tipo de relacionamento que estabelece entre segmentos textuais permite ao interlocutor verificar que se trata de um contínuo textual dotado de sentido.
3. *Continuidade tópica* – o uso destas estratégias garante a manutenção do supertópico e dos quadros tópicos em desenvolvimento. Inserções tópicas e mesmo as chamadas ‘digressões’, servem para garantir a construção da coerência a não ser nos raros casos de abandono do tópico em curso.

Entre os conceitos aqui discutidos, Koch (2006), há uma relação de inclusão: a progressão textual é garantida pela progressão/continuidade tópica; esta engloba a progressão/continuidade temática que, por sua vez, repousa na progressão/continuidade referencial. No interior de uma concepção de texto, aquelas devem ser vistas como resultado de estratégias postas em ação pelos sujeitos sociais, tendo em mira a construção textual dos sentidos.

Detalho a seguir a Progressão Temática, que, através de escolhas léxico-gramaticais adequadas, tematiza ou rematiza o tópico do discurso, com apoio nos elementos referenciais do texto. Relacionados à Progressão Temática, refiro-me também aos princípios a que ela deve obedecer para garantir o fluxo no texto, que são estabelecidos pelo Contrato Dado-Novo e à Máxima de Antecedência. Feito isso, trato do Rema, elemento que contém a informação nova, ou a informação propriamente dita, mas que não tem sido foco de estudos como tem sido o Tema.

1.5.1 A Progressão Temática

Segundo Daneš (1974), da Escola de Praga, a Perspectiva Funcional da Sentença refere-se ao fluxo de informação no interior de um enunciado e que se efetiva através da ordem das palavras escolhidas pelo falante ao expor suas idéias. O exame da língua em uso mostra que, de uma maneira geral, essa ordem ocorre da seguinte forma na oração: (a) ocupando a posição inicial, um elemento que, na maioria dos casos, coincide com sujeito da oração, com a informação dada, isto é, conhecida ou identificável pelo ouvinte, e com o Tema do enunciado, ou seja, aquilo de que se fala no enunciado; (b) a seguir, o predicado da oração coincidindo com a informação nova, e com o Rema, aquilo de que se fala do Tema.

Daneš (1974) chama de Progressão Temática (PT) a escolha e a ordenação dos Temas dos enunciados de um texto, que se concatenam e se hierarquizam entre si, bem como à sua relação com o hipertema das unidades textuais superiores - tais como o parágrafo, o capítulo -, e essa relação estendendo-se ao texto todo e à situação. A PT seria um esqueleto da trama textual, um dos elementos responsáveis pela coesão de um texto.

(a) PT linear simples ($T_1 - R_1; T_2 - R_2; T_3 - R_3$, com $R_1 = T_2; R_2 = T_3$)

(...) Eu (T1) comprei um bolo. Ele (T2) foi comprado na Brunela. Essa loja (T3) fica perto de casa.

(b) PT com T constante (T - R1; T - R2; T - R3)

(...) Pedro (T) foi sempre um bom aluno. Ele (T) quer fazer Engenharia, mas (T) acha que o vestibular vai ser difícil.

(c) PT com T1, T2, T3 derivados de hipertema, T, no caso 'campus da PUC':

(...) Vamos explicar o campus da PUC (T). O prédio velho, que fica na rua Monte Alegre (T1); o prédio novo, que fica na rua Ministro Godói (T2) e, finalmente, a casa da Cardoso de Almeida (T3).

Segundo Daneš (1974), a Progressão Temática realiza-se de diversas maneiras, ou seja, com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão por subdivisão do rema, progressão com salto temático em relação com os propósitos e atitudes do produtor.

As relações entre segmentos textuais estabelecem-se em vários níveis, e se dá em termos da articulação Tema-Rema, objeto de estudo da Perspectiva Funcional da Frase. A informação temática é informação dada, conhecida, enquanto a remática constitui informação nova. Dificilmente se encontra em um texto um único tipo de Progressão Temática, pois há uma combinação para que o texto tenha a organização desejada. De acordo com o autor, há certas 'preferências' de determinados tipos de seqüência textual por determinado tipo de Progressão Temática: com tema constante adapta-se às seqüências descritivas; com subdivisão do tema ou do rema para as seqüências expositivas ou argumentativas; a linear é comum na estruturação de todos os tipos de texto.

Outra acepção de Progressão Temática diz respeito ao avanço do texto por meio de novas predicções sobre os elementos temáticos. É nesse sentido que, na referenciação por meio de anáforas indiretas ocorre o que Schwars (2000) denomina 'tematização remática'. Além dos encadeamentos entre anunciados por justaposição ou conexão, inclui-se o encadeamento por segmentação textual que se realiza por intermédio dos articuladores textuais. O emprego adequado dos articuladores garante a continuidade temática, na medida em que ficam explicitadas as relações entre os segmentos textuais que interligam, quer as do tipo lógico-semântico, quer as de caráter discursivo-argumentativo.

Relacionado à Progressão Temática, há um princípio a que os falantes devem obedecer para garantir o fluxo da informação no texto. Trata-se do Contrato Dado-Novo, que apresento a seguir.

1.5.1.1 O Contrato Dado-Novo

De acordo com Clark & Havilland (1977), o falante e o ouvinte pressupõem um acordo tácito sobre como a informação já conhecida e a informação desconhecida devem aparecer na sentença. O núcleo desse contrato é a Máxima da Antecedência, um preceito pelo qual o falante assegura ao ouvinte a informação subentendida como dada 'Máxima da Antecedência'. Tenta construir seus enunciados de tal modo que o ouvinte tenha um e apenas um antecedente para qualquer informação dada, e que este seja o antecedente pretendido. O Contrato Dado-Novo é um procedimento de três etapas para integrar informações no texto. Na etapa 1, o ouvinte isola na sentença a informação dada da informação nova. Na etapa 2, ele procura na memória o único antecedente que coincide com a informação dada. Finalmente, na etapa 3, o ouvinte integra a nova informação, vinculando-a ao antecedente encontrado na etapa 2. Se o falante violar a Máxima da Antecedência, o ouvinte não poderá encontrar o antecedente. Nesse caso, ele adotará um dos seguintes procedimentos: (a) conexão; (b) adição e (c) re-estruturação.

- (a) *Conexão*: o ouvinte criará um antecedente 'indireto', construindo uma inferência a partir de algo que ele já conhece. Lakoff (1971) dá um exemplo que ilustra o procedimento: João é democrata. Bill é honesto também.
- (b) *Adição*: nem sempre é possível a conexão. Nesse caso, o ouvinte acrescentará à memória um novo nó - um nominal associado a um ou mais proposições - que servirá de antecedente à informação dada. Isso ocorre, por exemplo, no começo de histórias, tal como em: A velha morreu. A informação dada aqui é 'existe uma velha'. Como não há contexto prévio, o ouvinte não sabe de nenhuma velha. Ele então acrescenta um nó na memória correspondente a 'aquela que é mulher e que é velha' e usá-lo como antecedente da informação dada em 'A velha morreu', e prosseguir em direção à etapa (3).
- (c) *Re-estruturação*: quando o falante viola completamente o Contrato Dado-Novo, o ouvinte só pode entender o que lhe está sendo transmitido, se re-estruturar o que é dado e o que é novo no enunciado. Ex.: Ana viu alguém. Foi Ana que viu Maria. A informação dada da segunda sentença é 'x viu Maria', que não equivale a nenhuma proposição na memória, já que não há nenhum

antecedente adequado ao qual vincular a nova informação 'x = Ana'. Nesse caso o ouvinte pode re-estruturar a informação dada e a nova, na sentença, tal que 'Ana viu x' seja dada e 'x = Maria' seja nova.

1.5.1.2 A Máxima da Antecedência

Glatt (1982) relaciona o Contrato Dado-Novo com o Princípio da Progressão Temática, ou seja, a informação dada deve preceder a informação nova. A autora estabelece algumas definições. O Tema está associado àquilo de que se fala. O Rema refere-se àquilo que se fala sobre o Tema. Geralmente o Rema é representado pelo predicado, o termo progressão refere-se à relação referencial da informação dentro ou entre sentenças. Exemplifiquemos:

(a) A Betty gosta de peixes tropicais.

(b) Ela visita o aquário uma vez por semana.

A informação temática (sublinhada) de (a) é correferencial à de (b): em ambos, a informação temática permanece na posição inicial.

(c) Pedro ajudou a Sandra a entrar no carro.

(d) Ela tem um defeito físico.

A informação temática de (c) difere da informação temática de (d). Notemos que esta é correferencial à informação remática de (c). Glatt estuda os recursos lingüísticos disponíveis para marcar a correferencialidade. Tais são as anáforas que, por definição, contêm informação dada: elas possibilitam substituir uma palavra ou frase por outras, sem mudar o significado essencial da sentença. Pelo contrário, eles possibilitam a manutenção do significado.

Glatt (1982) refere-se aos dois tipos de Progressão Temática estudados por Daneš (1974).

- *Linear*, em que a informação remática de uma oração é a mesma da informação temática da oração seguinte:

(1) O juiz explicou as regras da competição, mas elas foram mal interpretadas pelos competidores.

- *Linear interrompida*, em que a informação remática é idêntica no par de orações:
(2) O juiz explicou as regras da competição, mas os participantes as interpretaram mal.
- *Translinear*, em que a informação temática do par de orações é idêntica:
(3) O juiz explicou as regras da competição, mas ele foi mal interpretado pelos competidores.
- *Translinear interrompida*, em que a informação temática de uma oração é a mesma da informação remática da oração seguinte:
(4) O juiz explicou as regras da competição, mas os participantes o interpretaram mal.

Como já vimos, o Tema e o Rema são geralmente definidos em posição inicial e não-inicial, respectivamente. Segundo os praguenses, o grau de dinamismo comunicativo tende a cair na informação dada, enquanto o grau mais alto associa-se à informação nova. Para Glatt, quando o Tema, o dado e a posição inicial da oração coincidem, aliança denominada Máxima da Progressão Temática, como ocorre nas progressões temáticas linear e translinear, pode-se prever que essa justaposição tenha o efeito de marcar redundantemente uma informação como dada. Tal fato aliado ao Contrato Dado-Novo deverá ajudar o leitor a identificá-la mais facilmente.

Segundo Glatt, tal predição é confirmada por pesquisas sobre memória, fornecendo indício de que a informação apresentada de acordo com o par perfeito, linear e translinear, reativa continuamente a mesma área mental ou nó, pela referência repetida da informação dada. Cada vez que o nó é ativado, fortalece-se provavelmente a ligação, com isso diminuindo o número de procuras (Kintsch 1984) e facilitando a estocagem e a integração subsequente da informação nova com a dada (Collins & Loftus 1975).

1.6 N-REMA

Rema é tudo menos o Tema. O que significa que existe muita coisa dentro do Rema, mas não significa que tudo que esteja aí tenha a mesma função. Assim, Fries (1995) destaca o Novo dentro do Rema, unindo assim o sistema do Tema/Rema com o sistema da informação Dado/Novo, chamando esse elemento de N-Rema e o que resta do Rema ele chama de Outros.

O que seria esse N-Rema? N-Rema, o constituinte final da oração, é o local não-marcado de colocação da Informação Nova (Fries, 1995: 349). Vamos analisar um exemplo, dado por ele:

Quadro 5 - Identificação do N-Rema

Adeus às armas		
1. <u>No fim do verão daquele ano, moramos numa casa de uma vila que se via</u> através do <u>rio</u> e		
Tema	Outros	N-Rema (O.Ant)
da <u>planície</u> próximos da montanha.		
N-Rema (Skip 3)		
2a. No leito do rio havia seixos e pedras, secos e brancos ao sol,		
2b. e a água era clara e se movia suavemente e era azul nos canais.		
3a. Os rebanhos passavam diante da casa e desciam pela estrada,		
3b. e a poeira que eles que levantavam polvilhavam <u>as folhas das árvores</u> .		
N-Rema		
4a. Os troncos das árvores também estavam empoeirados		
4b. e as folhas caíram cedo naquele ano		
4c. e vimos os rebanhos marchando pela estrada ...		
5a. A planície era rica de plantações,		

Fonte: Fries, 1995

No exemplo, o N-Rema rio é o que o escritor quer que o leitor se lembre quando ler 2a e 2b (rio, **no leito do rio** e **água** formam uma cadeia de semelhança). Notar que as folhas das árvores e **as folhas** formam uma cadeia de identidade. Não é o Rema todo que deve funcionar nesse sentido, mas apenas o N-Rema, segundo a proposta de Fries. E ele é chamado N-Rema- O.Ant (da oração anterior). Por outro lado, planície deve ser lembrada pelo leitor em 5a. (3 sentenças abaixo) e portanto é chamado N-Rema Skip 3.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento a metodologia de pesquisa adotada para a realização desta dissertação, incluindo a caracterização dos dados, do contexto da pesquisa, dos sujeitos envolvidos, bem como da descrição dos procedimentos metodológicos desenvolvidos para a coleta e análise dos dados.

A metodologia de pesquisa descrita neste estudo insere-se na categoria de pesquisa qualitativa, com um estudo de caso, pelo fato de analisar textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio, em uma comunidade específica.

2.1 Dados

O *corpus* desta pesquisa é composto de textos dissertativo-argumentativos, produzidos por 34 alunos de dois 1º anos do Ensino Médio, do período noturno, de uma escola localizada em São Paulo, na região de Santo Amaro, pertencente à Diretoria de Ensino Sul 2. Das 70 redações produzidos ao longo do ano letivo de 2007 com temas diversos, 21 foram selecionadas e 2 unidades foram escolhidas para análise sob os seguintes critérios: recenticidade e tema idêntico. O critério recenticidade refere-se à época da produção do texto, o tema, refere-se ao fato de que todas as redações analisadas tratam do mesmo assunto. A seguir, passo a traçar o perfil da escola envolvida na pesquisa.

2.1.1 Caracterização da Escola

A Unidade Escolar participante desta pesquisa está situada na Zona Sul da cidade de São Paulo, região populosa, composta por migrantes de todos os estados do Brasil, principalmente oriundos do Nordeste, que se estabeleceram no bairro pela facilidade de moradia de baixo custo.

A região possui características de classe média baixa e classe baixa, respectivamente. O bairro, embora apresente sinais de desenvolvimento, perceptíveis pelos investimentos na construção civil e expansão imobiliária de

condomínios; pela ampliação da malha viária da Cia do Metroviário do Estado de São Paulo, por meio da linha Largo Treze - Capão Redondo; e pelas construções dos terminais de ônibus Capelinha e Capão Redondo necessita de investimentos em áreas destinadas às práticas de esporte e à instalação de instituições que promovam eventos educacionais e culturais. Em contrapartida, o bairro apresenta, também, construções típicas da ocupação e do crescimento desordenados que contribuem para a expansão das comunidades carentes e acentuam as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, educação, cultura e lazer.

Outro dado importante é o fato de não haver bibliotecas públicas instaladas na região, em virtude disso, alguns alunos da Unidade Escolar envolvida nesta pesquisa, contam com a ajuda de instituições não governamentais que oferecem acervo de materiais para pesquisas, cursos profissionalizantes, cursos de informática e acesso à internet. Entretanto, existe a dificuldade no atendimento à comunidade escolar por causa da demanda de usuários e do baixo nível de recursos destinados à instalação e à manutenção dos equipamentos disponíveis nessas organizações.

A Unidade Escolar funciona nos períodos da manhã, tarde e noite; com carga horária distribuída da seguinte maneira: no 1º período, 8ª séries do Ensino Fundamental II e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio; no 2º período, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª do Ensino Fundamental II; no 3º período, 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Regular e Ensino para Jovens e Adultos - EJA.

2.1.2 Os sujeitos da pesquisa

Considerando o contexto apresentado, pode-se afirmar que todas as dificuldades citadas contribuem para formar o perfil do aluno participante desta pesquisa. Geralmente o curso noturno recebe o aluno trabalhador, que depois de uma média de oito horas trabalhadas, enfrenta as dificuldades do transporte público e do congestionamento e vai direto para a escola. Esse aluno, além de apresentar um quadro de dificuldades na aprendizagem de leitura e interpretação de textos, também, demonstra problemas no momento em que precisa produzir textos dissertativo-argumentativos, tema desta dissertação.

O grupo participante desta pesquisa foi formado por jovens de duas salas do 1º ano do Ensino Médio; em torno de 40% eram repetentes da série em que estavam matriculados no ano de 2007; na faixa etária dos 17 aos 25 anos e pertencentes à classe social baixa. Em média 90 por cento do grupo trabalha em torno de seis a oito horas durante o dia e, por isso os alunos optaram pelo estudo noturno.

O grupo divide-se em duas salas, doravante denominadas classes A e B cujos perfis se assemelham pelo fator origem e localização da moradia. A classe identificada por A, são 13 jovens do sexo masculino e 6 do sexo feminino; na classe identificada por B, são 9 jovens do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Pode-se dizer que o contexto sócio-cultural desprivilegiado contribuiu para o baixo nível de formação desses jovens, pois apresentam dificuldades na leitura e na interpretação de textos de Gêneros diversos, principalmente, os que exigem do educando habilidade e competência tais como: leitura, seleção e apreensão de informações em textos de opinião, análise e produção de textos a considerar o texto argumentativo-dissertativo.

2.1.3 Procedimentos metodológicos para coleta de dados

Para melhor entendimento da proposta desta dissertação cujo objetivo é a análise da coesão e da coerência em textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos do Ensino Médio, julgo pertinente descrever, detalhadamente, todos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta dos dados.

O *corpus* compõe-se de textos produzidos de acordo com os seguintes procedimentos: (a) escolha do assunto pelos alunos; (b) discussão de questões sobre o tema escolhido em grupos de quatro ou cinco alunos; (c) apresentação do resultado da discussão para toda a classe; (d) orientações para a produção dos textos dissertativo-argumentativos.

Para a realização do trabalho, foram quatro etapas distribuídas em atividades diversificadas e desenvolvidas ao longo de três semanas contadas a partir da apresentação do projeto 'Propaganda' até o momento da entrega das redações escritas pelos alunos. Considerando a apresentação da proposta, o desenvolvimento

de cada atividade e a produção dos textos foram 8 aulas de 45 minutos. Da pequena carga horária de quatro aulas semanais de 45 minutos destinadas ao estudo de Literatura, Gramática e Produção de texto, decidi pela reserva de duas aulas semanais para o desenvolvimento da produção de textos tendo em vista as dificuldades apresentadas pelos alunos.

A primeira etapa para coleta do *corpus* foi uma atividade que objetivava a escolha do assunto que seria tratado pelos alunos nas redações do 3º bimestre do ano de 2007. Havia três propostas de assunto, previamente sugeridas pelos alunos por meio de votação simples em sala de aula. Solicitei aos alunos presentes para o desenvolvimento dessa atividade, 22 meninas e 12 meninos a decidir livremente entre os temas aborto, escolha profissional e propaganda, que foram colocados na lousa para que o grupo escolhesse de forma democrática.

Escolhido o assunto propaganda, os alunos organizados em grupos de quatro ou cinco participantes discutiram questões a respeito da propaganda brasileira; quais os recursos utilizados nas propagandas para atrair o consumidor? O consumidor consegue perceber que alguns recursos são utilizados para estimular o consumo? Esta atividade teve a duração de duas aulas de 45 minutos contadas a partir da proposta ao final da discussão. Durante a realização do trabalho, circulei pela sala para conversar com os alunos sobre o assunto em pauta. A interação entre a professora e os grupos foi necessária não só para direcionar e orientar a discussão, mas também para saber como estava a participação de todos na realização da atividade. Considero esse momento da atividade importante porque os alunos tiveram a oportunidade de compartilhar e ampliar os conhecimentos a respeito da propaganda brasileira, que está presente no cotidiano das pessoas, mas que não suscita muitos questionamentos quando apresentada ao grande público consumidor.

Em uma segunda etapa, após a discussão, cada grupo de alunos teve oportunidade de democratizar o resultado do trabalho, apresentando para toda a classe o produto final, ou seja, a conclusão da atividade realizada. Nessa fase da atividade, esperava-se que os alunos ampliassem o conhecimento sobre o assunto, acumulando e trocando informações, ou seja, compondo o material que poderia ser utilizado na produção dos textos. Os alunos chegaram a conclusão de que entre os recursos mais utilizados pelos publicitários para atrair os consumidores, isto é, as

estratégias publicitárias que ficaram mais evidentes foram as que lançam mão da sedução e do erotismo para chamar a atenção do consumidor. Destaco aqui a contribuição da atividade, pois foi um momento que proporcionou aos alunos a possibilidade de apresentar o problema, avaliar e comentar sobre o assunto em pauta, ou seja, os alunos desenvolveram a habilidade de raciocínio, aprenderam a encadear as idéias defendidas no tratamento argumentativo de determinado tema.

A terceira etapa do trabalho foi uma atividade prática, uma análise de textos de publicitários. Ainda, no mesmo grupo de quatro ou cinco participantes, os alunos tiveram a tarefa de pesquisar e selecionar, no prazo de uma semana, modelos de propagandas, com fotos e textos escritos que utilizam, para atrair o consumidor, os recursos de sedução e de erotismo apontados por eles na atividade anterior. Esse trabalho foi elaborado por meio de cartazes para posterior apresentação. Cada grupo confeccionou um cartaz contendo os seguintes itens: a identificação do produtor e do produto; a utilidade do produto e o tipo de consumidor. Os grupos deveriam, ainda, destacar no texto, os recursos utilizados para atrair o consumidor, ou seja, grifar na redação da propaganda escolhida, o que consideravam recursos de sedução ou de erotismo na propaganda selecionada. O resultado dessa atividade prática foi apresentado, democraticamente, para toda a sala, um momento que julgo pertinente porque o aluno tem a oportunidade de desenvolver a habilidade de seleção, interpretação e análise de informações importantes de um texto publicitário, isto é, pode perceber o que há por trás do texto e qual a intenção do publicitário ao apresentar a propaganda de um produto.

A quarta etapa do trabalho foi uma atividade individual de redação sobre o assunto trabalhado nas etapas anteriores. Cada aluno deveria elaborar um texto dissertativo-argumentativo explorando o assunto 'propaganda' discutido nas atividades desenvolvidas anteriormente. Creio que todos os procedimentos metodológicos tenham sido cruciais para que os alunos pudessem escrever o texto dissertativo-argumentativo. Além disso, o desenvolvimento de cada etapa contribuiu para que os alunos exercitassem as habilidades de argumentação oral e defesa de opiniões em relação a temas polêmicos.

Selecionado o *corpus*, os textos escolhidos para análise foram transcritos sem que houvesse qualquer tipo de alteração, ou seja, todas as inadequações em relação à estrutura textual, à ortografia, às normas gramaticais foram conservadas.

2.1.4 Modelo de estrutura

Nesta seção apresento um modelo de estrutura utilizado pelos alunos do Ensino Médio com o objetivo de se preparar para os testes de seleção para vagas no mercado de trabalho e, também, para os exames oficiais propostos pelo Governo do Estado de São Paulo. São orientações básicas transmitidas aos alunos, principalmente, para aqueles que nunca tiveram contato ou produziram textos argumentativo-dissertativos. Durante a semana de 14 a 16 de fevereiro do ano de 2007, em quatro aulas de 45 minutos os alunos estudaram a proposta de Granatic (2005: 76), acompanhe o esquema abaixo:

Esquema básico da dissertação

Imagine que você queira dissertar sobre o seguinte tema:

TEMA Chegamos ao terceiro milênio, entretanto, o homem ainda não conseguiu resolver graves problemas que preocupam a todos.

Por quê?

- Existem populações vivendo em completa miséria.
- A paz é interrompida frequentemente por conflitos internacionais.
- O meio ambiente está ameaçado por sério desequilíbrio ecológico.

Terra: uma preocupação constante

Chegamos ao terceiro milênio, entretanto, o homem ainda não conseguiu resolver graves problemas que preocupam a todos, pois existem populações vivendo em completa miséria, a paz é interrompida com frequência por conflitos internacionais e, além disso, o meio ambiente está ameaçado por sério desequilíbrio ecológico.

Embora o planeta disponha de muitas riquezas, estas são mal distribuídas entre os Estados e os indivíduos e, por conta disso encontramos legiões de famintos em pontos específicos da Terra. Nos países do Terceiro Mundo, sobretudo em certas regiões da África, vemos, com tristeza, a falência da solidariedade humana e da colaboração entre as nações.

Nestas últimas décadas temos assistido, com certa preocupação, aos inúmeros conflitos internacionais que se sucedem. Muitos trazem na memória a triste lembrança das guerras do Vietnã e da Coréia, as quais provocaram grande extermínio de pessoas inocentes. Em nossos dias, testemunhamos conflitos na Iugoslávia, em alguns países membros da Comunidade dos Estados Independentes, sem falar da guerra do Golfo, que tanta apreensão causou ao mundo.

Outra preocupação constante é o desequilíbrio ecológico, provocado pela ambição desmedida de alguns, que promovem desmatamentos desordenados e poluem as águas dos rios. Tais atitudes contribuem para que o meio ambiente, em virtude de tantas agressões, acabe por se transformar em local inabitável.

Enfim, é possível perceber que o homem está muito longe de solucionar os grandes problemas que afligem diretamente a uma grande parcela da humanidade e indiretamente a qualquer pessoa consciente e solidária. É desejo de todos que algo seja feito no sentido de conter essas forças ameaçadoras, para que se possa suportar as adversidades e construir um mundo que, por ser justo e pacífico, será mais facilmente habitado pelas gerações vindouras. (Fonte: Granatic, 2005, texto adaptado).

Note que, de acordo com a sugestão da autora, no primeiro parágrafo, ou seja, na introdução, há apresentação do tema e dos três argumentos propostos. No desenvolvimento do segundo ao quarto parágrafo, o aluno deveria desenvolver todos os argumentos, apresentando justificativas, exemplos, dados estatísticos para embasar sua argumentação. E, por último, no parágrafo conclusivo, deveria apresentar uma proposta de solução ou de intervenção para o problema proposto.

A utilização desse esquema serviu para orientar o aluno e situá-lo a respeito das exigências na produção de um texto dissertativo-argumentativo. Na verdade, foi uma solução encontrada pelos professores para auxiliar os alunos na produção de textos. A intenção não foi resolver o problema a curto prazo, mas amenizar as dificuldades que os alunos encontram na hora de elaborar um texto.

2.2 Procedimentos metodológicos de análise dos dados

As redações são, inicialmente, apresentadas em sua forma original, na íntegra. A seguir, são avaliadas em termos de coerência e de coesão, conforme a proposta de Eggins (1994):

- (a) coerência – enfoque no Gênero e no Registro
 - (i) examinar os estágios de Gêneros, seguindo Hoey (1994), cuja estrutura prevê:
 - situação
 - problema
 - solução
 - resultado ou avaliação
 - (ii) estabelecer as variáveis de Registro:
 - campo
 - relações
 - modo
- (b) coesão – enfoque em:
 - (i) manutenção dos participantes
 - (ii) seleção lexical
 - (ii) elos entre orações

Adotamos as categorias apresentadas por Hasan (1989), que distingue a coesão não-estrutural da coesão estrutural.

Quadro 6 - Tipos de coesão

COESÃO NÃO-ESTRUTURAL		
RELAÇÕES COMPONENTIAIS		RELAÇÕES ORGÂNICAS
Coesão Gramatical		A. Conjunções Elo causal, concessivo B. Pares adjacentes Pergunta/resposta Oferta/aceite Ordem/obediência
	Relação típica do elo	
A. Referência Pronome (<u>Pedro</u> chegou e <u>ele</u> ...). Demonstrativo (São bons <u>livros</u> . Leia <u>este</u>). Artigo definido (Eu vi um rato. <u>O</u> rato ...). Comparativo (Um problema <u>diferente</u> ...). B. Substituição e elipse Nominal (transfusão e hospital). Verbal (latir e cachorro). Oracional (Ele falou isso e eu também.).	Co-referencial (referem-se ao mesmo item). Co-referencial/Co-classificatório Co-classificatório (referem-se a itens da mesma classe).	
Coesão Lexical		Continuativos ex.: ainda, já, etc.
A. Geral Repetição Sinonímia Antonímia B. Instancial (específicos de um texto). Equivalência Semelhança Nomeação (João = padre num determinado texto).	co-classificação ou co-extensão (semelhança geral). co-referência ou co-classificação	
COESÃO ESTRUTURAL		
A. Paralelismo B. Desenvolvimento Tema-Rema C. Organização dado-novo		

Fonte Hasan, 1989

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Início a análise dos textos dissertativo-argumentativos adotando, para a averiguação da coerência e da coesão das referidas produções discentes, os requisitos que se encontram em Eggins (1994), de que a **coerência** é dada pelo respeito ao Gênero - com sua estrutura esquemática (Hasan 1989) ou estrutura de Gênero (Martin 1992) com seus estágios e finalidades - e ao Registro - submetendo-se às variáveis de Campo, Relação e Modo. Quanto à **coesão**, esta se apóia na manutenção dos participantes, na seleção lexical e na conjunção de orações.

Análise do texto 1

A análise do texto 1 - “Campanhas eróticas” seguirá dois movimentos: (I) análise da coerência, com (a) verificação dos estágios de Gênero e suas finalidades e (b) das variáveis de Registro: Campo, Relação e Modo; e (II) análise da coesão, quando serão examinadas (a), a manutenção dos participantes no texto, (b) a seleção lexical e (c) a conjunção de orações.

Apresento, a seguir, na íntegra, o texto 1 “Campanhas eróticas”, escrito por aluna do 1º. ano do Ensino Médio, em 12/09/2007.

Texto 1

Campanhas eróticas

As campanhas publicitárias utilizam o erotismo para seduzir o consumidor, porque essa é uma forma de atrair e seduzir as pessoas e, além do mais, com isso eles conseguem vender seu produto de uma maneira eficiente.

Nas campanhas publicitárias o que é mais utilizado é o erotismo, um exemplo é a propaganda de cerveja ou até mesmo comercial de sandália. No comercial de cerveja existe muita sedução pois nele vemos mulheres semi-nuas bonitas e muito sedutoras tomando cerveja. A propaganda de sandália Havaianas é feita por atrizes famosas como Débora Seco, Juliana Knuch, Carol Castro. No comercial elas estão bem sedutoras para induzir as pessoas comprarem. Com pessoas famosas fazendo propagandas sedutoras, o consumidor é muito mais induzido a comprar o produto que está sendo oferecido.

Com o erotismo a venda fica muito mais eficiente, pois é um jeito de chamar a atenção de quem os vê. Um exemplo disso são propagandas que enunciam tecnologia, pois todo jovem quer ter um celular com mil e uma qualidade, um MP4, Ifone e muitos outros. Mesmo que eles não tenham condições fazem de tudo para tê-los. Mesmo que já tenhamos o produto ou não precisamos dele a sedução é tão grande que acabamos comprando. Só de pensar em ter um celular que todos desejam ter isso é tudo.

Os recursos que os publicitários podiam usar, seria falando e valorizando mais o produto sem erotismo. Não teria o mesmo efeito porque iria faltar algo para chamar atenção do público. Com o erotismo é muito mais fácil atrair e seduzir o consumidor.

I. Análise da coerência

(a) A coerência referente ao Gênero

A seguir, no quadro 7, analiso os elementos referentes à coerência, enfocando os estágios e suas finalidades no texto “Campanhas eróticas” cujos parágrafos são indicados pelas letras do abecedário e cuja estrutura de Gênero está dividida em estágios, de acordo com as colunas à direita.

Quadro 7 - Verificação da coerência de Gênero – Texto 1

Exame da coerência de Gênero	
Campanhas eróticas Aluna do 1º ano do Ensino Médio Data: 12/09/2007	Estágios de Gênero e Finalidades
(a) As campanhas publicitárias utilizam o erotismo para seduzir o consumidor, porque essa é uma forma de atrair e seduzir as pessoas e, além do mais, com isso eles conseguem vender seu produto de uma maneira eficiente.	Tese
(b) Nas campanhas publicitárias o que é mais utilizado é o erotismo, um exemplo é a propaganda de cerveja ou até mesmo comercial de sandália. No comercial de cerveja existe muita sedução pois nele vemos mulheres semi-nuas bonitas e muito sedutoras tomando cerveja. A propaganda de sandália Havaianas é feita por atrizes famosas como Débora Seco, Juliana Knuch, Carol Castro. No comercial elas estão bem sedutoras para induzir as pessoas comprarem. Com pessoas famosas fazendo propagandas sedutoras, o consumidor é muito mais induzido a comprar o produto que está sendo oferecido.	Evidências para apoiar a tese
(c1) Com o erotismo a venda fica muito mais eficiente, pois é um jeito de chamar a atenção de quem os vê. <u>Um exemplo disso são propagandas que enunciam tecnologia, pois todo jovem quer ter um celular com mil e uma qualidade, um MP4, Ifone e muitos outros.</u>	Evidência? A propaganda da tecnologia apóia-se no erotismo?
(c2) Mesmo que eles não tenham condições fazem de tudo para tê-los. Mesmo que já tenhamos o produto ou não precisamos dele a sedução é tão grande que acabamos comprando. Só de pensar em ter um celular que todos desejam ter isso é tudo.	Problema
(d) Os recursos que os publicitários podiam usar, seria falando e valorizando mais o produto sem erotismo. <u>Não teria o mesmo efeito porque iria faltar algo para chamar atenção do público.</u> Com o erotismo é muito mais fácil atrair e seduzir o consumidor.	Solução contraditória

Discussão

No exame da estrutura de Gênero, verifica-se que o texto está constituído de quatro parágrafos distribuídos em cinco estágios. A análise mostra que o texto segue, em linhas gerais, o esquema de Hoey (1994), de Problema-Solução. Os estágios são os seguintes: (a) apresentação da Tese (o erotismo ajuda a propaganda); (b) e (c1) Evidências para apoiar a tese; (c2) Problema (os malefícios da propaganda) e (d) Solução. Porém, ao examinarmos as finalidades desses estágios (Martin, 1985), verificamos dois problemas: (i) no estágio (c1):

‘Um exemplo disso são propagandas que enunciam tecnologia, pois todo jovem quer ter um celular com mil e uma qualidade, um MP4, Ifone e muitos outros’.

A conjunção ‘pois’ traz uma outra causa para a propaganda, ou seja, o ‘desejo do jovem’. Falta aí a informação de que ‘é o erotismo que desperta o desejo no jovem’, que, pelo contexto ‘juventude’ pode não ser o caso, já que as características desse contexto variam de acordo com o *frame* que o leitor trará na sua interação com o texto. Talvez a verdadeira causa esteja no próprio objeto – celular, MP4, Ifone, ou seja, nas maravilhas apresentadas pela tecnologia moderna. (ii) Outro problema está em (d), quando a Solução contradiz a Tese, em vez de corroborá-la:

‘Não teria o mesmo efeito porque iria faltar algo para chamar atenção do público’.

O uso do ‘pois’, para quem tem a Tese de que o erotismo serve para chamar a atenção do público, trazer como Solução algo que deixa de fazê-lo, é invalidar a Tese em favor de outra. Portanto, o exame do Gênero nos autorizaria a dizer que o texto é incoerente.

(b) A coerência referente ao Registro

Examino, na averiguação da coerência do texto, o comportamento das variáveis de Registro: Campo, Relações e Modo. Como não poderia deixar de ser, o Registro também fica prejudicado, devido a problemas apresentados no Gênero, já que ambas se interrelacionam. Em Campo, ou seja, assunto, (c1), ao trazer o ‘desejo do jovem’ como causa da compra de tecnologia moderna, quando deveria manter o erotismo como essa causa, o texto muda de Campo, o mesmo

acontecendo em (d), quando o autor entra em contradição ao apontar uma Solução que vai contra a sua Tese, mudando, portanto, o enfoque de Campo. A variável Relação apresenta-se de acordo com a interação 'aluno escrevendo um texto dissertativo-argumentativo para sua professora', em que se observa o respeito à distância entre as pessoas envolvidas. Quanto ao Modo, há problemas de interferência da linguagem oral na escrita: 'além do mais' em (a), 'um jeito' (c1), 'e muitos outros' (c1), 'condições' sem o complemento nominal (c2), mudança de 'eles' para 'nós', sem motivo para tal (c2), ou 'Só de pensar em ter um celular que todos desejam ter isso é tudo'. Além disso, existem falhas gramaticais como: 'comprarem' em vez de 'a comprarem' (b), 'mil e uma qualidade' em vez de 'mil e uma qualidades' (c1), 'precisamos' em vez de 'precisemos' (c2).

Discussão

A análise do Registro revela muitos problemas nesse texto. Por meio de um exame detalhado, o autor poderá compreender que o ato de escrever, longe de ser uma tarefa árdua e difícil, poderá ser uma atividade de realização simples e agradável. Entretanto, há de se considerar alguns pontos fundamentais a serem observados antes da escritura de um texto. Primeiramente, durante a elaboração de um texto, o autor deveria se conscientizar de que o texto possui uma estrutura a ser seguida, que se apóia nas escolhas léxico-gramaticais; em segundo lugar, a atenção dispensada ao Campo, assunto, geralmente, proposto na introdução que o autor deverá discutir ao longo do texto. E, por último, o item Relação que, para garantir a coerência de Registro, exige que sejam realizadas escolhas adequadas em concordância com a relação estabelecida entre autor/leitor.

Conclusão: há inadequações tanto no item Gênero quanto no item Registro que fazem o texto ser considerado incoerente. Esse procedimento de análise esclarece ao aluno – de maneira pontual - os problemas de sua redação, o que contribui para que ele tenha uma noção mais exata dos motivos de sua escrita ainda precisar de maiores cuidados. Se o autor estiver bem consciente dos itens em que deve prestar atenção, ficará mais fácil para ele mesmo perceber os pontos fracos e

se auto-corriger, fato que, evidentemente, lhe dará mais confiança ao enfrentar o processo da escrita e mais satisfação na execução dessa tarefa.

II. Verificação da coesão

(a) A manutenção do participante e a Progressão Temática

A manutenção dos participantes no decorrer do texto é um dos requisitos da coesão, conforme Eggins (1994), que, além disso, alista a seleção lexical e a conjunção de orações como fatores proporcionadores de um texto coeso. Como vimos, a manutenção dos participantes pode ser feita por meios gramaticais (pronome, demonstrativo, artigo, elipse, comparação) e por meios lexicais (geral: repetição, sinonímia, antonímia; instancial: equivalência, semelhança e nomeação), Halliday & Hasan (1989). O rastreamento de um determinado participante no desenrolar do texto forma o que Martin (1992) denominou Cadeia de Referência.

Vejamos a seguir, no quadro 8 o exame da manutenção de 'erotismo' no texto "Campanhas eróticas", através das categorias ditadas por Halliday & Hasan.

Quadro 8- Manutenção dos participantes – Texto 1

Campanhas <u>eróticas</u>	Manutenção de 'erotismo'
(a) As campanhas publicitárias utilizam o <u>erotismo</u> para <u>seduzir</u> (1) o consumidor, porque essa é uma <u>forma</u> (2) de <u>atrair</u> e <u>seduzir</u> (3) as pessoas e, além do mais, com <u>isso</u> (4) eles conseguem vender seu produto de uma maneira <u>eficiente</u> (5).	(1) Ins. Equivalência (2) Ins. Nomeação (3) Ins. Semelhança (4) Ref. Demonstrativo (5) Ins. Nomeação
(b) Nas campanhas publicitárias o que é mais utilizado é o <u>erotismo</u> (1), um exemplo é a propaganda de cerveja ou até mesmo comercial de sandália. No comercial de cerveja existe muita <u>sedução</u> (2) pois nele vemos mulheres <u>semi-nuas bonitas</u> (3) e muito <u>sedutoras</u> (4) tomando cerveja. A propaganda de sandália Havaianas é feita por <u>atrizes famosas</u> (5) como Débora Seco, Juliana Knuch, Carol Castro. No comercial elas estão bem <u>sedutoras</u> (6) para induzir as pessoas comprarem. Com pessoas famosas fazendo propagandas <u>sedutoras</u> (7), o consumidor é muito mais induzido a comprar o produto que está sendo oferecido.	(1) Ger. Repetição (2) Ins. Equivalência (3) Ins. Equivalência (4) Ger. Repetição (5) Ins. Nomeação (6) Ins. Equivalência (7) Ins. Equivalência
(c1) Com o <u>erotismo</u> (1) a venda fica muito mais <u>eficiente</u> (2), pois é um <u>jeito</u> (3) de chamar a atenção de quem os vê. Um exemplo disso são propagandas que enunciam tecnologia, pois todo jovem quer ter um celular com mil e uma qualidade, um MP4, Ifone e muitos outros.	(1) Ger. Repetição (2) Ins. Nomeação (3) Ins. Nomeação Há aqui uma interrupção de 'erotismo' para 'tecnologia', como já foi explicado.
(c2) Mesmo que eles não tenham condições fazem de tudo para tê-los. Mesmo que já tenhamos o produto ou não precisamos dele a <u>sedução</u> (1) é tão grande que acabamos comprando. Só de pensar em ter um celular que todos desejam ter isso é tudo.	(1) 'Sedução' passa a traduzir não o erotismo mas as maravilhas da tecnologia. Há um desvio de Campo.
(d) Os recursos que os publicitários podiam usar, seria falando e valorizando mais o produto <u>sem erotismo</u> (1). Não teria o mesmo efeito porque iria faltar algo para chamar atenção do público. Com o <u>erotismo</u> (2) é muito mais fácil atrair e seduzir o consumidor.	(1) 'Erotismo' com para a 'erotismo' sem, ou seja, a-erótico. (2) Ger. Repetição

O rastreamento do participante 'erotismo' mostra que o autor para efetivar a coesão utilizou os recursos: Referência (1 demonstrativo); Geral (4 repetições), Instancial (5 equivalências, 5 nomeações, 1 semelhança). Como já foi dito, o item 'coesão gramatical via substituição' não se justifica, pois na análise coincide com um dos tipos de anáfora. Assim, o autor – embora com seleção lexical pouco variada – tenta efetivar a coesão.

Considerando a descrição acima, nota-se que até o terceiro parágrafo há coesão com a manutenção do participante 'erotismo', mas de maneira repetitiva como se pode constatar no texto, o erotismo é mantido através de 'sedução' e 'atração'. Do meio do segundo parágrafo em diante, o autor passa a falar em 'fama', que não necessariamente envolve erotismo, e a Cadeia de Referência sofre uma interrupção.

No terceiro parágrafo, inicia-se novo referente, ou seja, a 'tecnologia', que também não necessariamente envolve 'erotismo', a menos que o autor ligasse um referente a outro. Mas não é o caso, pois o comprador é seduzido pelo avanço tecnológico, e com isso a Cadeia sofre novamente uma interrupção. A conclusão também fica prejudicada, pois retorna apenas aos referentes iniciais erotismo, sedução e atração, mas a 'fama' e a 'tecnologia' são esquecidas.

Segundo Eggins, um texto coeso deve amarrar os elementos que são introduzidos no texto através dos recursos de referência e de relação lexical, também concorrem para essa coesão a seleção lexical e a conjugação das orações através de conectivos adequados, que veremos a seguir. A Cadeia de Referência é um recurso que contribui para que o autor perceba a importância da textualidade para a melhora da sua redação, isto é, que aprenda que o texto não deve ser um aglomerado de frases desconexas, mas que a produção compreende uma seqüência de idéias tecidas uma a uma para a composição do texto. Em relação ao participante 'erotismo', o autor deve ter consciência de que o leitor criará a expectativa de que o termo será discutido ao longo do texto. É um momento em que se evidencia sua habilidade de persuasão e de convencimento, indispensáveis a sua argumentação, para conduzir o leitor a adesão das idéias apresentadas.

(b) Seleção lexical

No item seleção lexical, o problema maior está relacionado às marcas da oralidade, que não deveriam aparecer na transposição de um texto dissertativo-argumentativo e, às omissões ou ao uso inadequado de conjunções que ocasionam mudança de sentido do texto.

Esse é um momento importante para mostrar ao aluno que um texto com marcas de incoerência de Gênero ou de Registro e com a Cadeia de Referência interrompida, em virtude das falhas na manutenção dos participantes, conseqüentemente, apresentará problemas na seleção lexical, pois é a conjunção desses itens que contribuem para a boa formação do texto quanto à coerência e à coesão. Portanto, fica evidente a necessidade de um planejamento para a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo, que deve iniciar com a discussão do assunto a ser tratado, seguir para a escolha do vocabulário, adequado ao Gênero considerando os estágios e suas finalidades, e, ainda, valorizar, a reflexão a respeito da forma que o tema será discutido ao longo do texto. Ou seja, o autor deverá considerar como o texto será estruturado para que sua comunicação com o leitor seja garantida.

A análise da coesão na manutenção dos participantes confirma que os participantes, que são introduzidos no desenvolvimento dos estágios, devem ser retomados para garantir a coesão, segundo Hasan (1989) e Eggins (1994). Também, contribuem para que a coesão se efetive, a seleção lexical e a conjugação das orações através de conectivos adequados, que veremos a seguir.

(c) Elos lógicos

No quadro 9, passo a examinar os elos lógicos entre as orações do texto 1, “Campanhas eróticas” e a Progressão Temática que percorre o texto.

Quadro 9 – Verificação da coesão – Texto 1

Campanhas eróticas	Os elos entre orações e a Progressão Temática (PT)
<p>(a) As campanhas publicitárias utilizam o erotismo para seduzir o consumidor, <u>porque</u> (1) essa é uma forma de atrair e seduzir as pessoas e, além do mais, com isso eles conseguem vender seu produto de uma maneira eficiente.</p>	<p>(1) Relação causal circular.</p>
<p>Comentário (1) A relação causal é circular já que dizer ‘o erotismo para seduzir o consumidor, <u>porque</u> essa é uma forma de seduzir’, nada informa.</p>	
<p>(b) Nas campanhas publicitárias <u>o que</u> (1) é mais utilizado é o erotismo, um exemplo é a propaganda de cerveja ou até mesmo comercial de sandália. No comercial de cerveja existe muita sedução <u>pois</u> nele vemos mulheres semi-nuas bonitas e muito sedutoras tomando cerveja (2). A propaganda de sandália havaianas é feita por atrizes famosas como Débora Seco, Juliana Knuch, Carol Castro. No comercial elas estão bem sedutoras para induzir as pessoas comprarem. Com pessoas famosas fazendo propagandas sedutoras, o consumidor é muito mais induzido a comprar o produto que está sendo oferecido.</p>	<p>(1) Comprometimento da PT. (2) ‘Pois’ introduz causalidade não bem explicada.</p>
<p>Comentário (1) O uso de catáfora compromete a PT. O uso do pronome ‘o’ (=aquilo) vindo antes de ‘erotismo’, provoca uma PT linear interrompida (Glatt, 1982), viola o Contrato Dado-Novo e dificulta a identificação do referente (Máxima de Antecedência) (Clark & Havilland. 1977). Para a manutenção da PT pode se sugerir algo como ‘Nas campanhas publicitárias, o erotismo é um dos recursos mais utilizados’, em que se mantém como Tema ‘erotismo’, estabelecido pelo N-Rema do estágio (a). (2) Mesmo aqui, com a conjunção ‘pois’, introduzindo relação de causalidade, que um leitor mais habituado à linguagem oral aceitaria, creio que para uma argumentação sólida deveria haver uma explicitação mais detalhada da informação aí contida. Dizer ‘No comercial de cerveja existe muita sedução <u>pois</u> nele vemos mulheres semi-nuas bonitas e muito sedutoras tomando cerveja’, omite informações prévias, fato que se verifica no oral, por pressão de tempo, por exemplo, em que se confia mais em elementos exteriores ao texto, como o <i>frame</i>. Além disso, notemos a causalidade circular novamente em ação: ‘existe sedução porque mulheres sedutoras’. Mas na escrita, acredito que se deveria explicar, numa primeira etapa, que mulheres bonitas e semi-nuas são motivo de sedução erótica, e daí então partir para a segunda etapa, referente à sua utilização na propaganda. Em termos de PT, essas omissões de informações necessárias prejudicam o acompanhamento de Temas e Remas no desenrolar do texto. Mas o texto escrito, mais ainda o texto que visa a argumentar para persuadir, exige esse caminhar passo a passo com vistas a fundamentar a tese aí enfocada.</p>	
<p>(c1) Com o erotismo a venda fica muito mais eficiente, pois é um jeito de chamar a atenção de quem os vê. Um exemplo disso são propagandas que enunciam tecnologia, <u>pois</u> (1) todo jovem quer ter um celular com mil e uma qualidade, um MP4, Ifone e muitos outros.</p>	<p>(1) Conectivo causal que introduz causa diferente da estabelecida pelo Tema do parágrafo.</p>
<p>Comentário Como já foi comentado, o conectivo causal ‘pois’, após a introdução de ‘erotismo’, no Tema do parágrafo, deveria encabeçar um fato erótico como causa da propaganda de tecnologia. Mas, novamente, talvez devido à influência do oral, há um salto em que se omite a ligação da tecnologia com o erotismo. Ou, em possibilidade alternativa, o autor esqueceu-se de que sua tese versava sobre erotismo na propaganda.</p>	

continua

Continuação

Campanhas eróticas	Os elos entre orações e a Progressão Temática (PT)
(c2) Mesmo que eles não tenham condições fazem de tudo para tê-los. Mesmo que já tenhamos (1) o produto ou não precisamos dele a sedução é tão grande que acabamos comprando. Só de pensar (2) em ter um celular que todos desejam ter isso é tudo.	(1) PT não mantida. (2) Contrato Dado-Novo e Máxima da Antecedência não respeitada.
<p>Comentário</p> <p>Neste estágio, o autor começa com o pronome 'eles' e logo a seguir o substitui por 'nós', sem nenhum motivo aparente para esse procedimento. Evidentemente, a PT perde sua continuidade, tanto é que em (2), não se sabe mais quem seria o sujeito de 'pensar', o que traduz violação do Contrato Dado-Novo e da Máxima de Antecedência. Em termos de N-Rema, aquilo que o leitor deve lembrar-se, que é 'eles' fazem de tudo, o texto contraria esse preceito, com a introdução de 'nós'.</p>	
(d) Os recursos que os publicitários podiam usar, seria falando e valorizando mais o produto sem erotismo. Não teria o mesmo efeito <u>porque</u> iria faltar algo (1) para chamar atenção do público. Com o erotismo é muito mais fácil atrair e seduzir o consumidor.	(1) O que seria esse algo?
<p>Comentário</p> <p>(1) O autor propõe: 'Os recursos que os publicitários podiam usar, seria falando e valorizando mais o produto sem erotismo', ou seja, falar do produto sem a utilização de recursos sem conexão com a mercadoria. O conectivo causal 'porque' introduz o motivo que invalida a Solução proposta pelo autor.</p>	

III. Discussão geral

No texto "Campanhas eróticas", o título mais adequado poderia ser "O erotismo na propaganda", pois o título original pode propiciar interpretações equivocadas que afastariam a proposta inicial do texto que é tratar da utilização do erotismo pela propaganda. Em linhas gerais o texto segue o esquema de Hoey (1994), que sugere a estrutura Problema-Solução. O texto é constituído de quatro parágrafos distribuídos em cinco estágios: apresentação da Tese, de duas Evidências para apoiá-la, um Problema e uma Solução contraditória à Tese apresentada. Há dois problemas na análise de Gênero: o uso da conjunção 'pois', o autor apresenta como causa para a propaganda 'o desejo do jovem', mas omite a informação de que é o erotismo que desperta o desejo do jovem. Evidencia-se um problema de coerência porque não há como saber qual a verdadeira causa, se 'no desejo dos jovens' ou 'nas maravilhas apresentadas pela tecnologia'. Outro problema reside na contradição da Tese, isto é, na proposta de Solução que

contraria o papel desempenhado pela propaganda, a divulgação do produto. Nesse caso, a propaganda sem utilização do erotismo pode não chamar a atenção do consumidor, o que contradiz a Tese apresentada pelo autor.

Quanto ao Registro, pelo fato estar relacionado ao Gênero, também, apresenta falhas nas variáveis Campo e Modo. No item Campo, pode-se dizer que houve mudança, pois, na proposição, do título ao primeiro parágrafo, há sugestão de que autor irá tratar do erotismo, mas o surgimento do 'desejo do jovem' como causa da compra de equipamentos tecnológicos contribui para a mudança de Campo. Na variável Modo, há problemas gramaticais que envolvem a regência e a concordância verbal e nominal e, ainda, marcas da interferência da linguagem própria da oralidade que prejudicam a sustentação da linha argumentativa.

Pela análise realizada, constata-se que uma redação que apresenta problemas de coerência pode ter como causa o fato de o autor não seguir a estrutura esquemática exigida pelo Gênero dissertativo-argumentativo. A coesão, conseqüentemente, fica prejudicada, caso o autor não tenha cuidado em relação às escolhas léxico-gramaticais. De certa forma houve uma preocupação com a manutenção do participante 'erotismo', realizada por meio da repetição de outros termos semanticamente ligados, mas a introdução do participante 'tecnologia' acaba por romper a Cadeia de Referência (Martin 1989) comprometendo a coesão textual, pois não há ligação entre 'erotismo' e as maravilhas oferecidas pela tecnologia.

Análise do texto 2

A análise do texto 2 - "A malícia da Propaganda" seguirá dois movimentos: (I) análise da coerência, com (a) verificação dos estágios de Gênero e suas finalidades e (b) das variáveis de Registro Campo, Relação e Modo; e (II) análise da coesão, quando serão examinadas (a) a manutenção dos participantes no texto, (b) a seleção lexical e (c) a conjunção de orações.

Apresento, a seguir, na íntegra, o texto "A malícia na propaganda", escrito por aluno do 1º. ano do Ensino Médio, em 12/09/2007.

Texto 2

A malícia na propaganda

As campanhas publicitárias brasileiras utilizam o erotismo para seduzir o consumidor, pois muitos deles são atraídos pela malícia porque primeiro enchem a sedução do comercial para conseqüentemente depois prestarem atenção no produto. A campanha publicitária sabe que esse público é maioria, partindo dos jovens que só pensam e levam quase tudo na malícia com isso as propagandas usam cada vez mais mulheres semi-nuas e outros tipos de insinuações maliciosas para a elaboração da mesma.

Não são só os jovens que são atingidos pela malícia, mulheres se deixam levar muito pela beleza da modelo que usa uma peça íntima no comercial, pois se cai bem no corpo da moça, porque não cairia no dela.(Telespectadora)

Há ainda casos em que a propaganda apela para uma malícia menos implícita que não dê para compreender logo de cara, isso causa uma compreensão só de alguns.

As propagandas de hoje sabem que podem atrair muito mais clientes utilizando muito a malícia. E uma solução viável para essa malícia das campanhas publicitárias seria usar a comédia para promover o produto isso não atrairia tanto público quanto a sedução mas seria uma idéia.

I. Análise da coerência

(a) A coerência referente ao Gênero

A seguir, no quadro 10, analiso os elementos referentes à coerência, enfocando os estágios e suas finalidades no texto “A malícia na propaganda” cujos parágrafos são indicados pelas letras do abecedário e a estrutura de Gênero está dividida em estágios, de acordo com as colunas à direita.

Quadro 10 - Verificação da coerência de Gênero – Texto 2

Exame da coerência de Gênero	
A malícia na propaganda Aluna do 1º ano do Ensino Médio Data: 12/09/2007	Estágios de gênero e Finalidades
(a1) As campanhas publicitárias brasileiras utilizam o erotismo para seduzir o consumidor, <u>pois</u> muitos deles são atraídos pela malícia porque primeiro enchergam a sedução do comercial para conseqüentemente depois prestarem atenção no produto.	Situação/Problema(?) Detalhamento do público atingido e do tipo de malícia
(a2) A campanha publicitária sabe que esse publico é maioria, partindo dos jovens que só pensam é levam quase tudo na malícia com isso as propagandas usam cada vez mais mulheres semi-nuas e outros tipos de insinuações maliciosas para a elaboração da mesma.	
(b) Não são só os jovens que são atingidos pela malícia, mulheres se deixam levar muito pela beleza da modelo que usa uma peça íntima no comercial, pois se cai bem no corpo da moça, porque não cairia no dela.(Telespectadora)	
(c) Há ainda casos em que a propaganda apela para uma malícia menos implícita que não dê para compreender logo de cara, isso causa uma compreensão só de alguns.	
(d) As propagandas de hoje sabem que podem atrair muito mais clientes utilizando muito a malícia. <u>E uma solução viável para essa malícia das campanhas publicitárias seria usar a comédia para promover o produto isso não atrairia tanto publico quanto a sedução mas seria uma idéia.</u>	Solução Avaliação

Discussão

No exame da estrutura de Gênero, verifica-se que o texto está constituído de quatro parágrafos, os primeiros três constituindo um estágio, que apresenta a Situação, em termos de Hoey (1994), tratando do emprego do erotismo e da malícia explícita e implícita pela propaganda, e detalhando o público atingido: jovens e mulheres; o quarto parágrafo constitui o segundo estágio, o da Solução/Avaliação. Assim, não existe uma argumentação nem a favor nem contra a 'malícia na propaganda' no primeiro estágio, que, no entanto, ocupa $\frac{3}{4}$ desse texto, que se pretende dissertativo-argumentativo. Somente no quarto parágrafo, é que, a julgar pela Solução aqui apresentada, percebe-se que a malícia é o Problema.

Por outro lado, a relação entre ‘erotismo’ e ‘malícia’ não é esclarecida em nenhum desses estágios. Além disso, como a malícia não é apresentada claramente como um Problema, o parágrafo (c) – que trata da malícia implícita - fica deslocado, contribuindo para a caracterização do texto como incoerente.

“Há ainda casos em que a propaganda apela para uma malícia menos implícita que não dê para compreender logo de cara, isso causa uma compreensão só de alguns”

Por último, no segundo estágio, que ocupa o parágrafo (d), o autor apresenta uma Solução - a utilização da comédia ao invés da malícia, para divulgação de produtos – logo avaliada por ele mesmo como inviável, o que compromete a coerência do texto.

O exame do Gênero e seus estágios e finalidades mostra-se um forte instrumento de avaliação da coerência de um texto, já que permite visualizar de maneira nítida a estrutura esquemática do texto, apontando, como no caso, não só o desequilíbrio entre as partes integrantes do texto, mas também a incoerência que perpassa o texto.

Por outro lado, esse exame mostra que, subjacente ao texto, existe uma argumentação que não se realiza no texto, não porque seu autor a quis implícita, mas porque ele não sabe como expor o que lhe vai na mente. Acredito que esta etapa da análise deve servir para a conscientização do aluno a respeito da exposição passo a passo de suas idéias, num movimento que deve incluir um raciocínio que envolva a questão de como as idéias devem ser ligadas para formar um todo coerente. Aqui, a fase de pergunta-reposta, preconizada por Hoey (1994), de que tratamos no Apoio teórico, é de grande validade para guiar os passos do discente nesse processo de reflexão.

(b) A coerência referente ao Registro

Examino aqui, na averiguação da coerência do texto, o comportamento das variáveis de Registro: Campo, Relações e Modo, que, segundo vimos, constituem fatores relacionados à coerência textual, juntamente com os estágios de Gênero.

Como não poderia deixar de ser, o Registro também fica prejudicado, devido a problemas apresentados no Gênero, já que ambos se interrelacionam. Em Campo,

pode-se dizer que houve mudança de assunto porque o autor se propõe a falar em malícia, transmite sua intenção desde a exposição do título, mas introduz o texto com o tema erotismo sem explicar a relação que há entre 'erotismo' e 'malícia'.

É possível que autor tenha utilizado os termos como sinônimos, mas, neste caso, esse fato deveria ser esclarecido, o que parece improvável, pois nem todo erotismo envolve malícia. A variável Relação também apresenta problemas, pois o autor utiliza expressões típicas da oralidade, inadequadas para esse Gênero, a exemplo de 'logo de cara' em (c), que não está de acordo com a interação 'aluno escrevendo um texto dissertativo-argumentativo para sua professora', em que se deveria observar o respeito à distância entre as pessoas envolvidas. Quanto ao Modo, há problemas de interferência da linguagem oral na escrita, como: (i) omissão de complemento 'partindo dos jovens que só pensam é levam quase tudo na malícia' (pensam em quê?); (ii) com orações ligadas por conectivos inadequados ou por contigüidade com omissão do conectivo 'não são só os jovens que são atingidos pela malícia, mulheres se deixam levar'; 'E uma solução viável para essa malícia das campanhas publicitárias'; (iii) seleção lexical inadequada 'logo de cara'; além de falhas ortográficas tais como: 'encheram', 'inplícita' e 'compreensão' que também respondem pelos problemas de coerência de Registro.

Discussão

A verificação do Registro aponta várias inadequações nesse texto. Através desta análise, o autor do texto deverá compreender (a) quando escrevemos, devemos prestar atenção para o fato de estarmos expressando simultaneamente três significados e que, portanto, (b) devemos nos concentrar no assunto (Campo) proposto na introdução do texto; tomar cuidado com a linguagem usada, que deve se adequar à relação entre determinado escritor e determinado leitor (Relação) e, finalmente, fazer as escolhas de palavras e estruturas que estejam de acordo com esses dois elementos, tendo em vista facilitar a compreensão do leitor (Modo).

Conclusão: há inadequações tanto no item Gênero quanto no item Registro que fazem o texto ser considerado incoerente. Se, através das duas análises, o aluno puder perceber a construção de um texto dissertativo-argumentativo, ficará

mais fácil para ele perceber os pontos falhos da sua redação e se auto-corriger, fato que, evidentemente, lhe dará mais confiança ao enfrentar o processo da escrita e mais satisfação na execução dessa tarefa.

II. Verificação da coesão

(a) A manutenção do participante e a Progressão Temática

A manutenção dos participantes no decorrer do texto é um dos requisitos da coesão, conforme Eggins (1994), que, além disso, alista a seleção lexical e a conjunção de orações como fatores proporcionadores de um texto coeso. Como vimos, a manutenção dos participantes pode ser feita por meios gramaticais (pronome, demonstrativo, artigo, elipse, comparação) e por meios lexicais (geral: repetição, sinonímia, antonímia; instancial: equivalência, semelhança e nomeação), Halliday & Hasan (1989). O rastreamento de um determinado participante no desenrolar do texto forma o que Martin (1992) denominou Cadeia de Referência.

Vejamos a seguir, no quadro 11 o exame da manutenção de ‘malícia’ no texto “A malícia na propaganda”, através das categorias ditadas por Halliday & Hasan.

Quadro 11 - Manutenção dos participantes e Progressão Temática – Texto 2

A <u>malícia</u> na propaganda	Manutenção de 'malícia'
(a1) As campanhas publicitárias brasileiras utilizam o <u>erotismo</u> (1) para <u>seduzir</u> (2) o consumidor, pois muitos deles são <u>atraídos</u> (3) pela <u>malícia</u> (4) porque primeiro enchem a <u>sedução</u> (5) do comercial para conseqüentemente depois prestarem atenção no produto.	(1) Ins. Equivalência (2) Ins. Semelhança (3) Ins. Semelhança (4) Ins. Sinônimo (5) Inst. Semelhança
(a2) A campanha publicitária sabe que esse publico é maioria, partindo dos jovens que só pensam é levam quase tudo na <u>malícia</u> (1) com isso as propagandas usam cada vez mais <u>mulheres semi-nuas</u> (2) e outros tipos de <u>insinuações maliciosas</u> (3) para a elaboração da <u>mesma</u> (4).	(1) Ins. Equivalência (2) Ins. Nomeação (3) Ins. Nomeação (4) Ref. Pronome
(b) Não são só os jovens que são atingidos pela <u>malícia</u> , (1) mulheres se deixam levar muito pela beleza da modelo que usa uma <u>peça íntima</u> (2) no comercial, pois se cai bem no corpo da moça, porque não cairia no dela.(Telespectadora)	(1) Ins. Equivalência (2) Ins. Nomeação
(c) Há ainda casos em que a propaganda apela para uma <u>malícia</u> (1) menos implícita que não dê para compreender [a <u>malícia</u>] (2) logo de cara, isso causa uma compreensão só de alguns.	(1) Ins. Equivalência (2) omissão do objeto direto
(d) As propagandas de hoje sabem que podem <u>atrair</u> (1) muito mais clientes utilizando muito a <u>malícia</u> (2). E uma <u>solução</u> (3) viável para essa <u>malícia</u> (4) das campanhas publicitárias seria usar a comédia para promover o produto isso não <u>atrairia</u> (5) tanto publico quanto a <u>sedução</u> (6) mas seria uma idéia.	(1) Ins. Equivalência (2) Ins. Semelhança (3) Ins. Equivalência (4) Ger. Repetição (5) Ins. Semelhança (6) Ins. Semelhança

O rastreamento do participante 'malícia' evidenciou que o autor utilizou o recurso gramatical 1 vez e omitiu 'malícia', objeto direto de 'compreender' (que poderia ser um pronome; utilizou o recurso da escolha lexical Geral em (1 repetição) e (1 sinônimo); Instancial (6 equivalências, 3 nomeações, 6 semelhanças) para realizar a coesão lexical. Porém, tendo colocado 'erotismo' como Tema do parágrafo, sugere que vai tratá-lo ao longo do texto, mas acaba por substituí-lo pelo participante 'malícia', sem justificar a relação entre os dois assuntos. O mesmo ocorre no parágrafo (c), que trata da 'malícia implícita'. Como 'malícia' não está claramente caracterizada como Problema, a menção de 'malícia implícita', aparentemente como Problema, não se encaixa na Cadeia de Referência. Caso o autor tivesse dito que o 'erotismo' é encarado com 'malícia', fato que ele avalia

negativamente, mas que a propaganda se aproveita exatamente dessa característica para persuadir jovens e mulheres (e os homens?), caberia citar que essa persuasão se faz de maneira implícita, o que, por extensão, aumentaria a negatividade da questão. Em termos de progressão temática, a falta de manutenção de 'erotismo', compromete a coesão devida à seleção lexical; o mesmo ocorre com a 'malícia implícita', como acabamos de citar; ou a proposta de substituir 'malícia' por 'comédia', sem uma explicação para tanto, compromete a textura, daí por que o texto não ter força argumentativa.

(b) Seleção lexical

Num texto com a coerência prejudicada e sem a manutenção de vários participantes, a seleção lexical que o realiza também se apresenta caótica, sem um rumo bem orientado. Esse fato poderia esclarecer ao autor do texto a importância de um texto bem estruturado, através de estágios/finalidades coerentes em torno de um tema perceptível. Portanto, o planejamento de um texto dissertativo-argumentativo deve sempre se antecipar a sua redação. Após a discussão de um tema, cada aluno deve refletir sobre o assunto que tratará no seu texto e pensar em como o dividirá para facilitar a compreensão do leitor.

(c) Elos lógicos

Passo a examinar, no quadro 12, os elos lógicos entre as orações do texto 2, "A malícia na propaganda" e a Progressão Temática que percorre o texto.

Quadro 12 – Verificação da coesão – texto 2

A malícia na propaganda	Os elos entre orações e a Progressão Temática (PT)
<p>(a1) As campanhas publicitárias brasileiras utilizam o erotismo para seduzir o consumidor, <u>pois</u> (1) muitos deles são atraídos pela malícia <u>porque</u> (2) primeiro enchergam a sedução do comercial para conseqüentemente depois prestarem atenção no produto.</p>	<p>(1) e (2) Introduce idéia de explicação PT comprometida</p>
<p>Comentário</p> <p>(a1), Existem dois casos do uso inadequado de conjunções explicativas “pois” e “porque”. Pois encabeça uma causa para a utilização do erotismo, mas sem explicar o elo que une ‘erotismo’ e ‘malícia’. Erotismo nem sempre significa malícia. ‘Porque’ encabeça uma causa para ‘malícia’, mas ‘enchergar a sedução do comercial’ não é a causa de malícia. Pelo contrário, a malícia existente no leitor é que o faz o comercial seduzi-lo. A PT fica comprometida porque ‘malícia’ deveria ser o Tema da oração e não ‘erotismo’, uma vez que – pelo título – é sobre a malícia que deve discorrer o texto.</p>	
<p>(a2) <u>A campanha publicitária sabe que esse publico é maioria, partindo dos jovens</u> que só pensam é levam quase tudo na malícia com isso as propagandas usam cada vez mais mulheres semi-nuas e outros tipos de insinuações maliciosas para a elaboração da mesma.</p>	<p>(a2) Oração reduzida de gerúndio</p>
<p>Comentário</p> <p>(a2) O uso inadequado da oração subordinada reduzida de gerúndio desencadeou um problema de coesão textual. Houve uma substituição da oração subordinada adjetiva restritiva “A campanha publicitária sabe <u>que o público jovem</u>” parece que intenção do autor foi esclarecer que não se trata de qualquer tipo de público, mas se refere, especificamente, ao público jovem que só pensa e leva quase tudo na malícia. Possivelmente esse tipo de linguagem seria aceita por um leitor habituado a uma linguagem oral, mas, nesse tipo de texto, espera-se do autor a utilização de uma linguagem mais solidificada e escolhas lexicais adequadas para a sustentar a argumentação. A sugestão de uso da oração subordinada adjetiva restritiva parece mais adequada para a manutenção da PT.</p>	
<p>(b) Não são só os jovens que são atingidos pela malícia, (1) mulheres se deixam levar muito pela beleza da modelo que usa uma peça íntima no comercial, pois se cai bem no corpo da moça, porque (2) não cairia no dela.(Telespectadora)</p>	<p>(1) Falta conectivo (2) por que</p>
<p>Comentário</p> <p>(1) Falta a segunda parte do conectivo aditivo (não só mas também). Assim conjunção das duas orações está sendo feita por contigüidade, fato que causa a oralidade do texto. Em (2), não se está oferecendo a causa (porque), mas está se perguntando (por que?, ou seja, por que motivo?).</p>	
<p>(c) Há ainda casos em que a propaganda apela para uma malícia menos implícita que não dê para compreender logo de cara, (1) isso causa uma compreensão só de alguns.</p>	<p>Ausência de elo lógico</p>
<p>Comentário</p> <p>Em (1), deveria ser ‘fato que causa...’. A construção em (1) é comum na modalidade oral.</p>	

continua

continuação

A malícia na propaganda	Os elos entre orações e a Progressão Temática (PT)
(d) As propagandas de hoje sabem que podem atrair muito mais clientes utilizando muito a malícia. E uma solução viável (1) para essa malícia das campanhas publicitárias seria usar a comédia para promover o produto (2) isso não atrairia tanto público quanto a sedução mas seria uma idéia.	(1) Oração final (2) Falta de conjunção
<p>Comentário</p> <p>Em (1), a oração subordinada adverbial final omite um verbo, como ‘combater’ ou ‘evitar’ (uma solução viável para combater essa malícia ...). Em (2), caracterizando novamente a oralidade do texto, o autor omite a conjunção coordenativa adversativa (‘mas’, ‘porém’).</p>	

III. Discussão geral

O texto “A malícia da propaganda”, melhor seria “A malícia na propaganda”, pode ser caracterizado como parcialmente incoerente e com sua textura comprometida. Assim é, pois a análise da coerência através (a) do exame de Gênero, no caso, dissertativo-argumentativo, mostra que não há uma argumentação claramente delineada, mas somente algumas pistas mal alinhavadas de que o Problema seria o uso da ‘malícia’ nas propagandas. O texto, composto de quatro parágrafos, ocupa os três primeiros apresentando a Situação, ou seja, o apelo à malícia na propaganda, que atinge jovens e mulheres, e que pode ser veiculada de maneira implícita. Não há nesse estágio de Situação - nenhum posicionamento a favor ou contra esse procedimento, até no último parágrafo, ou seja, no segundo estágio, a ‘malícia’ é caracterizada como Problema, já que ‘deve ser substituída pela comédia’. Assim, por um caminhar em retrocesso, sabe-se que ‘malícia’ deve ser considerada um Problema, e assim por extensão, o terceiro parágrafo, que trata da ‘malícia implícita’, também deve ser incluído como Problema. Evidentemente, devido a essa indefinição do tema, a coerência acaba sendo prejudicada.

Quanto ao Registro, que na realidade caminha juntamente com o Gênero, o texto apresenta falhas em todas as suas variáveis: Campo (o assunto não fica claro); Relação (há inadequações no relacionamento do texto, que deveria levar em consideração o fato de um aluno estar escrevendo para o professor um texto

dissertativo-argumentativo; e Modo (há várias inadequações, mormente referentes à oralização do texto escrito).

Como já nos referimos, um texto mal estruturado, que não respeita a estrutura esquemática de uma dissertação-argumentativa, acaba comprometendo a coesão e, assim, a *textura* do texto, nos termos de Hasan (Halliday & Hasan, 1989). A manutenção dos participantes sofre várias interrupções, prejudicando a Progressão Temática do texto, já que não há uma estrutura firme embasando o aparecimento em cena desses participantes. Do ‘erotismo’ passa-se para ‘malícia’, sem nenhuma explicação, mas conectados por elo causal; por outro lado, passa-se de ‘malícia’, não caracterizada como Problema para ‘malícia implícita’ como um Problema adicional (“Há ainda casos...”, em que ‘ainda’ sinaliza para um aumento de um Problema), quando o Problema inicial não é deixado claro.

A seleção lexical bem como a ligação das orações, refletindo o texto incoerente, ou talvez contribuindo para essa incoerência, deixam a desejar. Há léxico que revela a oralização imprópria do texto, bem como omissões de conectivo, ou de complementos, típicos da modalidade oral.

A análise mostra que, se esses passos que seguimos até aqui forem ensinados aos autores de textos insatisfatórios em termos de coerência e de coesão, eles terão em mãos um instrumento esclarecedor de suas falhas e daquilo que devem ter em mente quando produzirem seus textos. O esquema de Hoey, em especial, e as categorias de análise de Hasan e Eggins são de grande utilidade para esse fim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa caminhada de dois anos, em que me vi, inicialmente perdida no meio de várias idéias que foram surgindo através das disciplinas que cursei, das trocas com colegas e discussões com meus mestres, chego, finalmente, ao momento em que devo encerrar esta pesquisa. Tive e tenho sempre firme uma meta: proporcionar aos meus alunos um meio de melhorarem suas produções escritas, objetivo que foi citado como uma das justificativas desta dissertação de mestrado.

Sinto que ainda estou no meio do caminho, pois percebo que, nessa análise que fiz, falta um aprofundamento do conhecimento a respeito das categorias que utilizei. Gostaria de examinar mais detidamente a relação que existe entre Gênero e Registro, pois é, acredito, no entrecruzamento dessas duas noções é que se encontra a *textura*, noção ainda vaga para mim. E se considerarmos neste contexto o fato da coesão, o que dizer de textos coerentes sem elos coesivos? Ou vice-versa? Como é feita a coesão pelo leitor num caso assim, e então como censurar o aluno de que sua redação carece de elementos coesivos?

Um exame que poderia esclarecer muitas dessas questões seria a comparação de textos pertencentes a Gêneros diferentes. Porque é evidente que há graus de coerência e de coesão exigidos por esses Gêneros. Acredito que o texto dissertativo-argumentativo, por seu caráter persuasivo por excelência, deve ser aquele que mais exige dos elementos de coesão, pois muito da coerência desses textos repousa em escolhas léxico-gramaticais solidamente unidos. Mas este é um assunto que deixo para estudos futuros. Por enquanto, se conseguir passar o que aprendi neste mestrado aos meus alunos já preencheria minhas aspirações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

ATKINSON J.M; HERITAGE, J. *Structures of social action: Studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BARTLETT, F.C. *Remembering: A study in experimental psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BEAUGRANDE, R ; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. Londres: Longman, 1981.

BEDNAREK, M. A. *Frames revisited - the coherence-inducing function of frames*. *Journal of Pragmatics*, 2005. p. 37- 5.

BIBER, D. J.; LEECH, S.; CONRAD, G.; FINEGAN, S. *Grammar of Spoken and Written English*. England: Pearson Education Limited, 1999.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Ensino Médio) Brasília, DF; SEB/MEC, 1997

BROWN, Gillian; YULE, George. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BUBLITZ, Wolfram; LENK, Uta. Disturbed coherence: fill me in. In: BUBLITZ, W., et al. *Coherence in spoken and written discourse: How to create it and how to describe it*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

BUSSMANN, Hadumod. *Dictionary of Language and Linguistics*. Londres: Routledge, 1996.

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. *Português: Linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.

CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 1995.

CHAROLLES, M.; PETÖFI, J.; SÖZER, E. *Text and discourse connectedness*. Hamburg: Bruske, 1989.

CLARK, H.H ; HAVILLAND, S.E. Comprehension and the Given-New Contract. In: Freedle, R.C. *Discourse Production and Comprehension* v.col. I: Norwood, NJ: Ablex, 1977.

COLLINS, A.M.; LOFTUS, E.F. *A spreading activation theory of semantic processing*. *Psychological Review*, 1975.

CORNISH, Francis. *Anaphora, Discourse, and Understanding*. New York: Oxford University Press, 1999.

CORNISH, Francis. *The roles of written text and anaphor-type distribution in the construction of discourse*, 2003.

DAHL, Ö.; HELLMAN, C. What happens when we use an anaphor? (Eds.), *Papers from the XVth Scandinavian Conference on Linguistics*, Oslo, January 13-15, 1995. Department of Linguistics, University of Oslo, 1995.

DANEŠ, Frantisek. *Papers on Functional Sentence Perspective*. The Hague: Mouton, 1974.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.

EMMOTT, S. J. *Introduction information superhighways: Multimedia users and futures*. London: Academic Press, 1995.

EPSTEIN, G.S.; NITZAN, S. *Asymmetry and Corrective Public Policy in Contests*. Springer : Public Choice, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. In: *Annals of the New York Academy of Sciences: Conference on the Origin and Development of Language and Speech*, 1976.

FILLMORE, C. J. Corpus linguistics vs. computer-aided armchair linguistics. in: *Directions in Corpus Linguistics: Proceedings from a 1991 Nobel Symposium on Corpus Linguistics*, Mouton de Gruyter, Stockholm, 1992.

FRIES, P.; GREGORY, M. (Eds.) *Discourse in Society: Systemic Functional Perspectives* (Meaning and Choice in Language :Studies for Michael Halliday). (ADPS50). Norwood, New Jersey: Ablex. 1995.

FRIES, P.H. A personal view on theme. In: Ghadessy, M. (Ed) *Thematic development in English texts*. Londres: Pinter, 1995.

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GLATT, B.S. Defining Thematic Progressions and their relationship to reader comprehension. In: Martin Nystrand, *What writers know*. NY: Academic Press, 1982.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper and Row, 1974.

_____. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOUTSOS, D. *A Model of Sequential Relations in Expository*, 1996.

GRANATIC, B. *Técnicas básicas de redação*. 4 ed. São Paulo: Scipione, 2005.

GRICE, H.P. Logic and conversation. In: Cole, P., Morgan, J.L. (Eds.) *Syntax and Semantics: Speech Acts*, 3. Nova York: Academic Press, 1975.

GROSZ, B.J.; SIDNER C.L. *Attention, intentions, and the structure of discourse*. Computational Linguistics, 1986.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in spoken and written English*. Londres: Longman, 1973.

_____. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

_____. *Language, Context & Text – Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University. Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. *Introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.

_____. *Introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HASAN, R.; MARTIN, J.R. (Eds.) *Language Development: Learning Language, Learning Culture* (Meaning and Choice in Language :Studies for Michael Halliday).(ADPS27). Norwood, New Jersey: Ablex. 1989.

HASAN, R.; FRIES, P. *On Subject and Theme: A discourse functional perspective*. John Benjamins, 1995.

HAWKINS, John. *Definiteness and indefiniteness: a study in reference and grammaticality prediction*. London: Croom Helm, 1978.

HOEY, Michael. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HOEY, Michael. Signalling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: M. Coulthard, *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.

INDURSKY, F. *Discurso e Textualidade: O texto nos estudos da linguagem especificidades e limites*. Campinas: Pontes, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Teorias do Texto e do discurso*. São Paulo: Ulbra, 2006.

KINTSCH, W.; MILLER, J.R. Readability: A view from cognitive Psychology. In: J. Flood (Ed). *Understanding reading comprehension*. Newark, DE: International Reading Association, 1984.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. *Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study*. *Journal of Pragmatics*, 1996.

KLEIBER, G. *Anaphores et pronoms*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1994.

- KOCH, I. G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1987.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *A coesão textual*. 20 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C.A. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- KONERDING, K.P. *Frames und lexikalisches Bedeutungswissen*. Tübingen: Niemeyer, 1993.
- LABOV, W. *Spring Meeting of the American Ethnological Society*, J.Helm (Ed), Seattle, WA: University of Washington Press, 1966.
- LAKOFF, G. *Presupposition and relative well-formedness*. In Steinberg & Jakobovits, *Semantics*, 1971.
- LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. *Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse*. Text & Talk 2007.
- MARTIN, J. H. *Knowledge Acquisition Through Natural Language Dialogue, in Proceedings of the Second Annual Conference on Artificial Intelligence Applications*. Miami: FL, 1985.
- MARTIN, J.R. *English Text – System and Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.
- MÜLLER, C.R. *Genre as social action*. *Quartely Journal of Speech*, 1984.
- MINSKY, M. A framework for representing knowledge. In: Winston, P.H. (Ed.) *The psychology of computer vision*. Nova York: McGraw-Hill. 1975.
- MINSKY, M. Frame-system theory. In: John-Laird, P., Wason, P.C. (Eds.) *Thinking, reading in cognitive science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- O'KEEFE, D. J. *Two concepts of argument*. *Journal of the American Forensic Association*, 13, p.121-128. (Received the American Forensic Association Daniel Rohrer Memorial Research Award, 1977). Reprinted in: Benoit, W. L., Hample, D., & Benoit, P. J. (Eds.) 1992. *Reading in argumentation* p. 79-90. Berlin: Foris Publications, 1977.
- PALADINO, V. C. et al. *Coesão e coerência textuais*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2006.
- PALTRIDGE, B. Genre, Text Type, and the English for Academic Purposes (EAP) Classroom. In: Ann M. Johns (ed.), *Genre in the classroom – Multiple Perspectives*. Londres: Lawrence Erlbaum Ass. Publ. 2002.

PERELMAN, C. *Le champ de l'argumentation*. Bruxelle: Press universitaires de Bruxelle, 1970.

RASIA, G. S. *O texto e a tessitura dos sentidos*. 2 ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

SCHWARZ, M. *Indirekte Anaphern in Texten: Studien zur domängebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer, 2000.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview. In: Tannen, D. (Ed.) *Framing in Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

TANNEN, D. What's in a frame? Surface evidence for underlying expectations. In: Tannen, D. (Ed.) *Framing in Discourse*. Oxford University Press: Oxford, 1993.

THOMPSON, G.; ZHOU, J. Evaluation and organization in text: the structuring role of evaluative disjuncts. In: Hunston, S., Thompson, G. (Eds) *Evaluation in text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p.121.

TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

VAN DIJK, T.A.; KINTSCH, W. *Textwettenschap. E en interdisciplinaire inlading*. Utrecht: Antwerpen, 1978.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto. 1992.

VAN EEMEREN, F. H.; SALLY, R. G.; SCOTT, J. Argumentation. In: Van Dijk, T. A., *Discourse as structure and process – Discourse studies: A multidisciplinary Introduction*. Vol. I. Londres: Sage Publish, 1997.

VILELA, M.; KOCH, I.V.G. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

WERTH, P. *Text Words; Representing Conceptual Space in Discourse*. London: Longman, 1999.